

Nordeste

R\$ 20,00

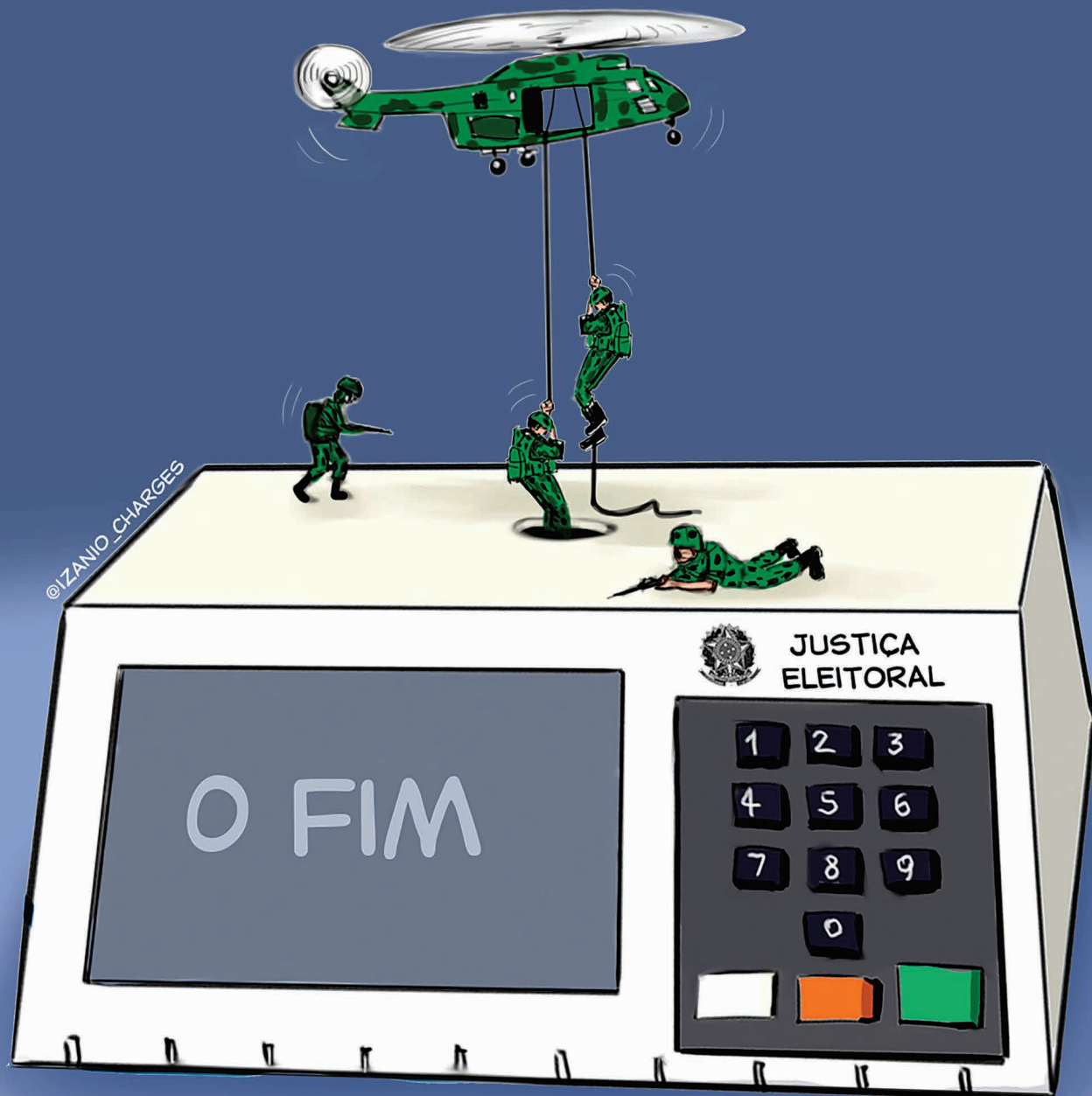
Ano II - Edição 07

nova



Brasília-DF, junho/2022 O Brasil em revista
Site: <https://novaimagemrevista.com.br/>

Golpe em marcha





SHOPPING DOS
VIDROS

SOLUÇÕES EM VIDROS E ALUMÍNIO

Apoio:
fortglass
VIDRO TEMPERADO



**QUALIDADE
NOS SERVIÇOS**

**PONTUALIDADE
NA ENTREGA**

Av . Nossa Senhora de Fátima, 1684, Caxias-MA



99

98806.8999



@SHOPPINGDOSVIDROSOFC



Óptica

Lais
& Makeup

 (99) 98128.8766 TIM

 (99) 98155.7796 TIM

 @opticalais_makeup

LEIA A revista

NOVA
IMAGEM



acesse o site: <https://novaimagemrevista.com.br/>



nova
Imagem

Expediente

FUNDADOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Alberto Pessoa - JP-0588-MA

DIRETOR COMERCIAL

J.J Pereira

DIRETOR EXECUTIVO

Jesus Pearce

JORNALISTA/DIAGRAMADOR/DESIGN

Giovani Castro - DRT-PI: 1709

E-mail: giovanicastrofaz@gmail.com

*86 98878-1162

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Giselda Carvalho

ASSESSOR JURÍDICO

Márcio Humberto

COLABORADORES

Edmilson Shanches - Jornalista. Elany Morais - Poeta.
Oswaldo Maranhão - Jornalista. Luiz Carlos Moura - Advogado. Wybson Carvalho - Escritor. José Barros - Jornalista. Gilvaldo Quinzeiro - Produtor Cultural.

FOTOGRAFIA: Banco de Imagem e Divulgação.

ENDEREÇO: QNM 17, Conjunto E, Casa 20

Ceilândia-DF. **Contatos:** (61) 3971-8114

9 8497-9029 (**WhatsApp**)

E-MAIL: albertosobrinho@gmail.com

Site: <https://novaimagemrevista.com.br/>

“Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores”.



Giovani Castro
Jornalista/Diagramador

Golpe em marcha
Pág. 6

Viva com **SAÚDE**
Pág. 10



ARTE & CULTURA
Gilvaldo Quinzeiro
Produtor Cultural
Cavalo de reflexões
Pag. 14



J J Pereira
Jornalista
Política em Foco
Pág. 16



The Intercept_Brasil
João Filho
Jornalista
Bolsonaro e seus generais
Pág. 20



Alisson Carvalho
Jornalista/Escritor
O bicho político
Pág.23



Alessandra Torquato
Ciências Contábeis
Segurança Jurídica
Pág. 24



José C. Aroucha
Eng. Florestal
O Riacho do Ponte
ou Piscinão do Ponte
Pág. 26



MÚSICA | Daniel Lemos
Professor da UFMA
Teatros e casas de espetáculos
Pág. 28



Jane Huscher
Jornalista/Radialista
BH/Minas Geais
O Rádio
Pág. 31



Sâmara Vanessa
Cientista Social, Mestra em Antropologia
e doutoranda em Antropologia pela UFPB
O Reggae
Pág. 32



Edmilson Sanches
Jornalista
23 de Abril: Dia Mundial do Livro
Pág. 34



Wibson Carvalho
Escritor/Poeta
Patrimônio Histórico do seio turístico de
Caxias
Pág. 38



Elany Morais
Professora/Escritora
Vozes Poéticas
Pág. 44

Golpe em marcha

Por *Giovani Castro*

Bolsonaro foi eleito 5 vezes deputado federal e uma vez (talvez a única) presidente, em 2018. E nesta só se elegeu por causa do disparo de fake News usadas em seu favor, para ter o poder a qualquer custo, além da ajuda/armação do então juiz Sérgio Moro (hoje um nada, ridicularizado pelo povo por onde passa, tanto quanto seu ex “chefão” a quem serviu como ministro da justiça), prendendo Lula por 580 dias, tirando-o da disputa, quando era o favorito como o é agora, nas eleições de outubro vindouro, com chances de ganhar logo no primeiro turno, Bozo e sua claque de fardados regurgitam desconfiança nas urnas eletrônicas sem justificativa plausível.

Apressa-se em espalhar medo/terror nas pessoas de que um golpe está em marcha, como ilustra Izânio Façanha na charge capa desta edição, se o resultado das urnas não o indicar vencedor... Para alguns isso não passa de medo de ir pra cadeia juntamente com seu clã, para pagar pelos crimes que cometera/comece acintosamente contra o povo, tirando o direito de ter uma vida digna, já que seu governo é um desastre em todas as áreas.

Bolsonaro, desconfiado de que teria ganho as eleições no primeiro turno, em 2018, precisamente no dia 23 de outubro, a cinco dias do segundo turno das eleições pra presidente da República, colocou sua turma de generais, puxa-sacos de plantão em marcha pra pressionar/amedrontar os ministros do TSE/STF.

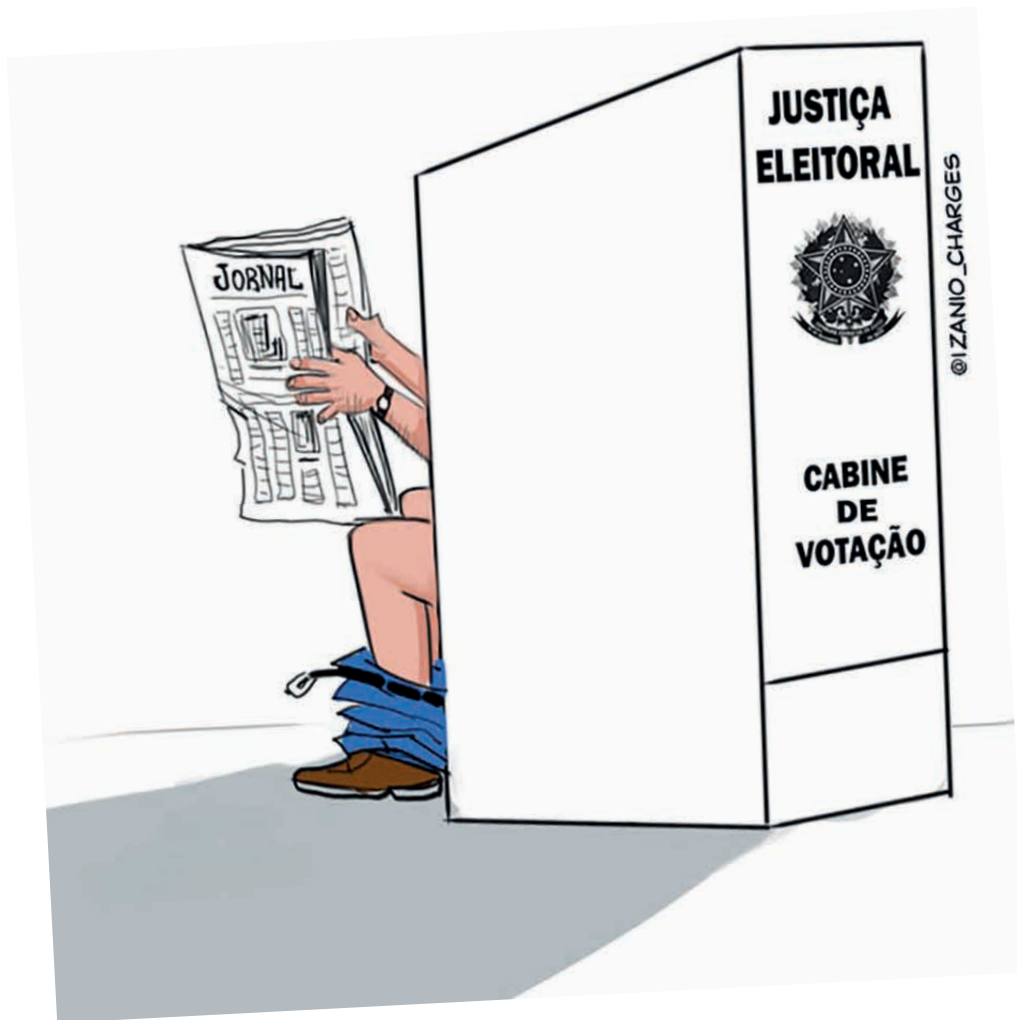
Pra se ter uma ideia, trazemos à tona um episódio de como as coisas aconteciam e acontecem. Após tensa reunião no gabinete da Presidência do TSE, o ministro Luís Roberto Barroso em tom de desabafo, como lido no Livro Os Onze, dos jornalistas Felipe Recondo e Luiz Weber, disse: “Achei que seria preso”, externou isso por causa das suas críticas aos militares presentes naquela reunião, e por isso imaginou que sofreria punição por sua “impertinência”. Tal impertinência fora registrada pelo general Sérgio Etchegoyen à época chefe e Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, que, na narrativa dos jornalistas se surpreendeu com o ímpeto do ministro contra suas evasivas.

De acordo com o livro, no dia anterior aquela reunião, foi divulgado um vídeo onde o militar da reserva

Antônio Carlos Alves Correia xingava e fazia ameaças a Ministra Rosa Weber dizendo: “Essa salafrária, essa corrupta, essa ministra corrupta e incompetente”. Segundo explicam os jornalistas no Prólogo do livro, o militar agira assim porque Rosa Weber recebera em seu gabinete representantes do PT e do PDT que contestavam a candidatura de Jair B com base na notícia de que uma rede de empresários havia financiado o disparo de informações falsas (Fake News) em favor da campanha do “capitão”, como se sabe, expulso do Exército...

Ao final daquela reunião, o presidente do STF (Supremo Tribunal Federal) Dias Toffoli enviara mensagem dizendo que estava a caminho pra informar sua preocupação conforme descreveu como cenário sombrio... Dizia aos presentes Weber e Fachin que o então comandante do Exército general Villas Boas, tinha 300 mil homens armados que majoritariamente apoiavam a candidatura de Jair Bolsonaro. Por sua vez, o candidato e seus seguidores, incluindo militares, colocavam sob suspeita a lisura do processo eleitoral, em especial as urnas eletrônicas. Para Toffoli: “O TSE, portanto, deveria ser claro e firme em seus posicionamentos. Era preciso demonstrar o perfeito funcionamento das instituições”. Contam os jornalistas que quem ouviu as palavras de Toffoli ficou com a sensação de que as suspeitas de instabilidade não eram chifre em cabeça de cavalo: de fato, era de incerteza o clima sobre os rumos do país.

Fachin em pronunciamento na quinta-feira 12-5, disse que “quem trata das eleições são as forças desarmadas”, um recado curto e grosso aos golpistas. Nesse sentido, todo cuidado é pouco. Melhor ficar de orelha em pé, pois o bicho quando estar acuado é capaz de tudo, inclusive de fingir que não estar com medo e para isso usa da arrogância, prepotência – mas como só os tolos não percebem seu medo - de ir preso junto com os seus, neste caso a charge do Izânio faz um alerta, pois as ameaças de ontem se repetem hoje, como farsa e tragédia, com mais estrondo/estrago caso não venha se reeleger, o que é provável, como indicam as pesquisas. Basta lembrarmos a tentativa de golpe no 7 de Setembro, apesar do ridículo que fora.



O nosso editor Jornalista Alberto Pessoa, foi bem sucedido em uma operação Hepática (transplante de fígado) no Distrito Federal e encontra-se recuperando no Hospital das Forças Armadas (Instituto do Coração) em Brasília. Alberto agradece em primeiro lugar a Deus, porque sem Ele nada seríamos e a toda equipe médica que através da ciência sempre tem avançado para o bem-estar da humanidade. Parabéns Alberto e continue sendo sempre essa pessoa que você é. Que o Grande Deus Todo Poderoso nos cubra de muita saúde, sabedoria, longos e logos anos de vida. Pois a vida é um palco de aprendizado e somos os artistas desse palco.



A importância da Casa de Nhozinho

Maira Teresa Gonçalves Rocha
*Profª Drª da UFMA/Curso de
Licenciatura em Artes Visuais*

A Casa de Nhozinho (Módulo III do circuito de exposições do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho – CCPDVF), localizada no Centro Histórico de São Luís, destaca-se por apresentar um vasto acervo representativo do cotidiano popular maranhense. Inaugurada em 2002 situa-se em um prédio de três pavimentos que possui duas vias de acesso, uma na rua Portugal (nº 185), a outra na rua de Nazaré e Odilo (2A).

Todo o acervo da Casa de Nhozinho é adquirido e organizado por meio de pesquisas de campo e bibliográfica promovidas pelo CCPDVF, daí a sua importância sociocultural e educacional. Dentre os pesquisadores destaca-se Jandir Silva Gonçalves, artista plástico e pesquisador, Chefe da Casa de Nhozinho “por cerca de quinze anos” e “um ano” como Superintendente da Cultura do Maranhão.

Jandir começou a trabalhar no CCPDVF em 1988 e atua até os dias de hoje. É colaborador de pesquisas

no campo da cultura maranhense, sendo membro da Comissão Maranhense de Folclore. Nasceu em São Luís-MA, no dia 24 de maio de 1959 e “herdou” dos pais o gosto pela arte, transformando-se em um grande experimentador de técnicas, estilos e materiais, destacando-se na arte da modelagem (em cerâmica).

No início de sua trajetória artística, Jandir pintava telas a óleo, paisagens bucólicas (referentes à vida e costumes do campo), com traços acadêmicos (que seguem modelos clássicos). Posteriormente, passou a criar formas com características que lembram o “expressionismo”, fazendo de sua obra uma forma subjetiva de expressar a realidade. Depois se interessou por temas indígenas e passou a pintá-los em camisetas e cartões postais. Paralelamente a este trabalho passou a produzir máscaras carnavalescas, as quais exportava para serem comercializadas na cidade de Olinda-PE.

Como escultor, começou retratando tipos populares,

na forma de bonecos, modelados em papel machê, transferindo para eles os traços “expressionistas”. Passada esta fase, o artista passou a modelar os pássaros da fauna brasileira, em argila.

Em 1992, Jandir participou da 1ª Coletiva de Maio, juntamente com outros artistas plásticos, que ocorreu no Convento das Mercês. No mesmo ano, participa ainda do bazar de natal, do Hotel Quatro Rodas, com a produção de uma instalação, intitulada Feliz Astral, obra essa, inspirada na filosofia e estilo oriental. “Ao longo de sua carreira, ministrou diversas oficinas de arte, promovidas por instituições como: CCPDVF, Centro Cultural Acadêmico José Sarney-Caxias-MA, Museu do Couro-Campo Maior-PI e participou de exposições individuais, entre elas a que ocorreu no Colégio São José (em Caxias-MA); no Diretório Central de Estudantes em Recife-PE; no Restaurante Cheiro Verde e na Central Cearense de Artesanato (ambas em Fortaleza-CE). E ainda as que

ocorreram em São Luís-MA em locais como: os bares Zazueira e Risco de Vida, no Teatro Arthur Azevedo e no CCPDVF, experiências que contribuíram para a sua atuação profissional na Casa de Nhozinho e cultura maranhense.

Paralelamente às experiências artísticas, Jandir passou a fazer constantes viagens por todo o território maranhense. Enquanto pesquisador, realizou inúmeros mapeamentos de vilarejos, povoados e comunidades quilombolas, observando e registrando suas atividades culturais. Dessa forma, tornou-se um profundo conhecedor do Maranhão, detentor de um rico acervo audiovisual. Alguns desses registros estão expostos em seu Instagram ([jandir_goncalves](#)). A análise e reflexão de alguns desses registros e do percurso trilhado por Jandir nos faz perceber a importância de sua atuação enquanto artista e pesquisador da cultura maranhense, do nosso povo, nossa gente, sua garra, fazeres e saberes.



Viva com **SAÚDE**

DAMIANA

PARA QUE SERVE E COMO FAZER O CHÁ DA PLANTA

A Damiana é uma planta medicinal, também conhecida como chanana, albina ou erva-damiana, que é utilizada principalmente como estimulante sexual, já que possui propriedades afrodisíacas, sendo capaz de aumentar o desejo sexual. Além disso, essa planta pode ser utilizada para auxiliar no tratamento de problemas digestivos e relacionados ao ciclo menstrual, por exemplo.

O nome científico da Damiana é *Turnera ulmifolia L.* e pode ser comprada em farmácias de manipulação e em algumas lojas de produtos naturais. É importante que o seu uso seja feito sob orientação do médico ou fitoterapeuta, pois ainda são necessários estudos que indiquem a dose suficiente para que a planta tenha benefícios e não surjam efeitos colaterais.

PARA QUE SERVE

A Damiana é uma planta medicinal muito utilizada principalmente devido à sua propriedade afrodisíaca, sendo capaz de aumentar o apetite sexual e ajudar no tratamento da impotência masculina, por exemplo. Além da sua propriedade afrodisíaca, a Damiana também possui ação antibacteriana, adstringente, emoliente, expectorante, anti-inflamatória, antioxidante, tônica, purgativa, an-

tidepressiva e estimulante. Assim, a Damiana pode ser utilizada para auxiliar no tratamento de:

Bronquite, já que tem ação expectorante, ajudando a aliviar a tosse;

Problemas digestivos, pois é capaz de melhorar a digestão, ajudando também a prevenir a prisão de ventre;

Reumatismo, pois possui pro-

priedade anti-inflamatória;

Cólicas menstruais, alterações do ciclo menstrual e secura vaginal, por exemplo, pois possui efeitos semelhantes aos dos hormônios femininos;

Infecções na bexiga e infecções urinárias, devido à sua propriedade antimicrobiana;

Falta de desejo sexual, já que é considerada afrodisíaca;

Ansiedade e depressão.

Além disso, a Damiana apresenta efeito anti-hiperglicemiante, ou seja, é capaz de evitar que os níveis de açúcar no sangue sejam muito elevados, podendo ser utilizada como forma de complementar o tratamento para diabetes, no entanto os estudos realizados apresentam resultados contraditórios.

Dessa forma, é importante que a Damiana continue sendo estudada para que se tenha maiores comprovações científicas sobre os seus efeitos e a dose diária ideal para que se tenha os benefícios.



Chá de Damiana

O consumo da Damiana normalmente é feito por meio do consumo do chá, em que são utilizadas as folhas dessa planta. Para fazer o chá basta colocar 2 folhas de Damiana em 200 ml de água fervente e deixar por cerca de 10 minutos. Em seguida, coar e beber.

É recomendado que o consumo dessa planta seja feito de acordo com a orientação do médico ou do

fitoterapeuta para evitar os efeitos colaterais, sendo normalmente aconselhado o consumo de até 2 xícaras por dia.

Efeitos colaterais e contraindicações

Os efeitos colaterais da Damiana estão relacionados com o consumo excessivo dessa planta, podendo causar problemas no fígado e nos rins, além de poder ter efeito laxativo e diurético. O

uso em grandes quantidades dessa planta medicinal também pode causar insônia, dor de cabeça, náuseas e vômito, por exemplo.

Como ainda são necessários mais estudos para que sejam comprovados os efeitos dessa planta no organismo, bem como a dose tóxica para o corpo, é aconselhado que mulheres grávidas ou que estejam em fase de amamentação não façam uso da Damiana.

CAPITAL FEDERAL

AGÊNCIA BRASIL

A comemoração dos 62 anos da capital federal teve ampla programação cultural. Ao todo, 17 equipamentos culturais tiveram atividades artísticas. Batizado de Sorria, Brasília, o projeto comemorativo teve eventos para todos os gostos. De shows a mostras de cinema; de exposições a feiras de economia criativa; de espetáculos populares a apresentações de orquestras, como a Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, a cidade estará repleta de atrações em comemoração ao aniversário.

Segundo o governo do Distrito Federal (GDF), serão investidos R\$ 700 mil nas atividades culturais. Entre os eventos está a reabertura da mostra Poeira, Lona e Concreto, que retrata os primeiros tempos da construção da cidade, no Museu Vivo da Memória Candanga.

Capital Ibero-Americana das Culturas

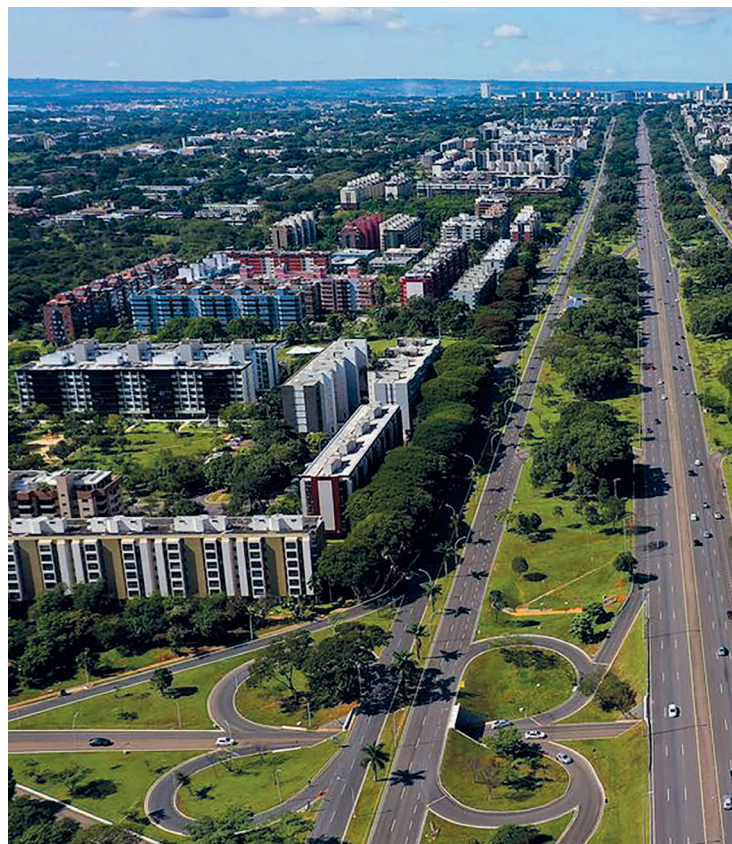
Outro destaque é a

ocupação externa do Eixo Cultural Ibero-Americano, antigo espaço Funarte de Brasília, que tem programação voltada ao encontro das famílias e de amigos em torno do seu vasto gramado e galerias com piquenique, Festival de Orquestras Populares, Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, shows e desenho. A programação reforça o ano Brasília Capital Ibero-Americana das Culturas, título mundial outorgado em 2022 à cidade.

Cinema

O Cine Brasília, que também comemora aniversário de 62 anos em 22 de abril, segue programação especial e aberta ao público com seleção de filmes emblemáticos e espetáculo comemorativo da Companhia de Comédia Os Melhores do Mundo.

As ações também são intensas na Concha Acústica, com shows e mostra de cinema, no Museu de Arte de Brasília (MAB) e no Memorial dos Povos Indígenas.



Brasília - O Catetinho, primeira residência oficial do presidente Juscelino Kubitschek na capital federal é um pequeno museu aberto à visitação pública, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer (José Cruz/Agência Brasil) - José Cruz/Arquivo Agência Brasil

BRASIL FEZ 62 ANOS



O Catetinho, primeira residência oficial de Juscelino Kubitschek na construção da capital, reabre para comemorar os 62 anos de Brasília, depois de dois anos fechado.

O museu passou por manutenção do telhado ao piso de cimento da estrutura arquitetônica com pilotis, desenhada por Oscar Niemeyer, em 1956.

Ao todo, foram in-

vestidos R\$ 396,6 mil e, durante a manutenção, o acervo de 466 itens – entre peças de mobiliário, utensílios, livros, discos e outros objetos, que Juscelino Kubitschek utilizou até 1959, quando ficou pronto o Palácio da Alvorada – foi embalado e armazenado no Centro de Dança, espaço cultural da Secretaria de Cultura do DF.

Na Torre de TV, na região central da cidade, haverá uma estrutura especial para a Virada Cultural Brasília 62 Anos que trará programação repleta de música, com DJs e atrações ao vivo além de companhia teatral. Pensado para todas as idades, o evento terá área kids e praça de alimentação.

As ações culturais e esportivas serão concentradas no Palco 360, no gramado em frente à torre, que receberá shows de artistas. Durante a tarde, as crianças poderão se divertir com a Cia Teatral Néia & Nando com o espetáculo Moana, baseado na famosa animação da Disney.

Uma das atrações mais aguardadas é a do pernambucano Lenine, que trará sua turnê Rizoma, a partir das 20h. A Festa Criolina fecha as atividades da quinta-feira com muita música.



A Torre de TV de Brasília é uma torre de transmissão radiofônica e televisiva construída em Brasília e inaugurada em 1967 com 224 metros de altura. Marcello Casal Jr/ Arquivo Agência Brasil



Cavalo de reflexões

Como parte da programação cultural da abertura do lançamento do edital do I Concurso de Poesia, pelo Instituto Poeta Carvalho Junior, que aconteceu no dia 23 de abril, na

Academia Caxiense de Letras, o Grupo Cultural Abraçarte fez a estreia do espetáculo “Cavalo de Reflexões”.

“Cavalo de Reflexões”, que mistura poema de Vinicius de Mo-

rais (musicado) conta com o texto, roteiro e direção de Gilvaldo Quinzeiro. No elenco: Ozias Silva, Emile Raquel, Márcia Affeck, Luís Felipe e Francisco Leocádio.

Realizado o concurso de poesia

Aconteceu dia 23 de abril na Academia Caxiense de Letras, com a presença de autoridades, intelectuais locais e de outros municípios, a realização do I Concurso Literário Prêmio Poeta Carvalho Junior/2022, realizado pelo Instituto Poeta Carvalho Junior.

A solenidade foi aberta pela presidente do Instituto Poeta Carvalho Junior, Joseneyde Ferreira Vilanova, e contou com a presença do Secretário Municipal de Cultu-

ra, Leonardo Barata, do presidente da Academia Caxiense de Letras, Renato Meneses, além dos poetas Paulo Rodrigues, Luiza Cantanhêde, Isaac Sousa, Wybson Carvalho, entre outros

Nesta mesma solenidade foram apresentados os novos membros do instituto, bem como a entrega de premiação a entidades e pessoas que contribuíram para a vida cultural/literária de Caxias referente ao ano de 2021.

1º CONCURSO LITERÁRIO PRÊMIO POETA CARVALHO JUNIOR



LANÇAMENTO DO EDITAL 23. ABRIL .19H

📍 Academia Caxiense de Letras

- Apresentações dos **novos membros** do Instituto.
- Premiação pelo Instituto para os **destaques** dentro da cultura e literatura no ano de 2021.
- Apresentação de **danças regionais, músicos** e recital de **poesias**.

Use sua máscara

Apoio: Secretaria de Cultura Municipal de Caxias, CEFOL e Academia de Letras Caxiense





Coral vai homenagear a música nordestina e os 100 anos da Semana de Arte Moderna

Com o tema “eu vou mostrar pra vocês como se dança o baião”, o coral Cantus Mandala, da cidade de Coelho Neto-MA, deverá iniciar a temporada para o ano de 2022 cujas apresentações deverão

ocorrer já neste mês de junho.

De acordo com seu maestro e fundador, Geraldo Borba, “o Cantus Mandala será levado pelo ritmo do baião, xote, xaxado e não esquecendo de homenagear os 100 anos da Semana de Arte Moderna”.

Ainda segundo Geraldo Borba, “o repertório deste ano incluirá João do Vale, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Dominginhos, Anastácia, Almira Castilho, Vital Farias e outros mais serão

relembrados por suas músicas e composições que ficaram para a história”.

O coral Cantus Mandala foi fundado no dia 1º de maio de 2017. E desde então vem se apresentando em várias cidades dos estados do Maranhão e Piauí.



PARNARAMA FLOR-CIDADE

Que lindo luar! Que belo cenário!
Tu exhibes no teu aniversário.
As ruas, praças, o rio e as serras
Completam um paraíso perfeito. É onde
Ocultas um mistério a que ninguém responde
Seja no inverno, outono ou primavera.

Oh! Flor multicolor bela e fulgurante!
Que na ribanceira do Velho Monge
Exalas imponente o mais puro dos aromas.
Flor que brota da terra fecundante
Tornando-se por encanto linda e verdejante
Minha encantadora e amada Parnarama.

Semente fecunda no chão da Esperança
Flor-cidade de voz doce e sacrossanta.
Oh! Minha rainha, eterna majestade!
Vais! Buscarás por certo o teu futuro
E reencontrarás o teu porto seguro.
Abre as tuas asas para a liberdade!!

*J. J. PEREIRA - É membro da
academias de letras
e Ecologia do Leste do
Maranhense e da Academia
de Letras de Passagem Franca-(MA).*



Raimundo Silveira

Promove festa
cívica e Brandão
prestigia aniversário
de Parnarama

undo ra

Uma bela e aconchegante cidade, cuidadosamente projetada para cumprir o seu destino histórico de sempre bela e encantadora, foi efusivamente reverenciada pelos seus 73 anos de primorosa e exitosa existência. Recebendo a forma de um leque, Parnarama nasceu sob a orquestração do vigoroso sentimento Cívico e Patriótico de seus fundadores, que teve como figura central Lauro Barbosa Ribeiro, que como prefeito de São José dos Matões, teve a coragem de transpor obstáculos e transferir a sede municipal para as margens esquerdas do rio Parnaíba, com base na lei número 128 de 17 de setembro de 1948, de autoria do deputado estadual Joel Barbosa Ribeiro. Esse ato histórico teve o reflexo positivo de uma macrovisão





futurista, buscando o intercâmbio comercial com as praças de Teresina e Parnaíba no Piauí, através do transporte fluvial pelas águas mansas e caldalosas do Velho Monge.

Nesse 10 de abril, Parnarama completou 73 anos de sua emancipação política e social. O prefeito Raimundo Silveira traçou e cumpriu uma festiva comemora alusiva ao aniversário da Virgem dos Sertões, iniciando com hasteamento

das bandeiras do Município, do Maranhão e do Brasil e o canto do hino da Terra das Palmeiras, na voz dos alunos da Escola de Música Municipal.

O ponto alto da festa aconteceu na parte vespertina, quando o governador Carlos Brandão, já procedente de Colinas e Matões, acompanhado de várias autoridades e assessores, palmilhou o solo parnaramense.

O prefeito Raimundo Silveira,

comandou tudo com a maestria lhe é peculiar. Em uma oratória eloquente e segura, o governador traçou o perfil e equilibrado e sereno que marca o estilo sertanejo do seu governo; enquanto o alcaide Raimundo Silveira prestou contas de sua profícua gestão e reafirmou seu apoio ao projeto político e administrativo do chefe do Executivo maranhense.

Em seguida, acompanhado





do alcaide de Parnarama e demais autoridades, o governador presenteou à aniversariante com um “Restaurante Popular” e um estádio de futebol no bairro Chapadão, que recebeu a denominação do ex-vereador e líder comunitário Valmir Barbosa, num ato de reconhecimento e cristalina Justiça.

No final da tarde, a prefeitura promoveu a distribuição de cestas básicas, sorteio de

motos, geladeiras e outros prêmios para a população.

Portador de uma localização geográfica privilegiada, o município é banhado por três rios: Parnaíba, Itapecuru e Corrente, além da vertente do Tremedal, que apesar de ferido de morte pela ganância dos insensíveis, ainda é um belo e rico Pantanal que o Brasil ainda desconhece.

Terra de poetas e pensadores, Parnarama se orgulha

em ser berço dos irmãos Joel e Lauro Barbosa Ribeiro, Moura Rego, J. J. Pereira, Lenice Barbosa e Affonso Gomes, que contribuem grandemente com a literatura brasileira, através de várias obras publicadas.

O setor esportivo, é bem representado pelo jovem parnaramense Jackson de Oliveira, que brilha no futebol de El Salvador, com relevante prestígio em toda a América Central.



BOLSONARO e seus generais são golpistas demais até para os padrões da CIA

SE HOUVESSE de fato preocupação com a lisura do sistema eleitoral, Bolsonaro não teria impedido a vinda de observadores internacionais da UE para as eleições

The
Intercept
Brasil



JOÃO
FILHO

joao.filho@theintercept.com

TRANSFORMAR AS FORÇAS ARMADAS em um dos poderes da República é parte do projeto de destruição da democracia em curso. Como se já não bastasse termos um governo federal apinhado de militares comandando ministérios e aproximadamente 7 mil ocupando cargos civis, agora o bolsonarismo pretende transformar as Forças Armadas em

um poder revisor e moderador dos demais poderes constituídos.

Hoje, os líderes dos militares se sentem à vontade para marcar reuniões com chefes de outros poderes para propor, cobrar e fiscalizar. Trata-se de mais um ataque velado à Constituição, que determina que as Forças Armadas devem garantir a existência dos po-

deres Executivo, Legislativo e Judiciário, e não atuar como se fosse um deles.

Na teoria, as Forças Armadas estão constitucionalmente subordinadas aos três poderes. Na prática, os militares já atuam informalmente como se fossem um poder, sendo o único armado e com tropas. Eles querem conversar de igual para igual com outros

poderes exibindo um revólver na cintura.

Nesta semana, a milicada estava especialmente ouriçada. A eleição vai se aproximando, e as Forças Armadas já estão em campo para garantir a reeleição de Bolsonaro e, conseqüentemente, as generosas mamatas conquistadas nesses quase quatro anos.

Líderes militares têm se



Ilustração: João Brizzi para o Intercept Brasil

reunido com chefes do Legislativo e do Judiciário para tratar das eleições. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, por exemplo, se reuniu com o general Luis Carlos Gomes Mattos, que preside o Superior Tribunal Militar, o STM. Para quem não se lembra, Mattos é aquele valoroso cristão que há poucos dias disse ter desfrutado tranquilamente da Páscoa mesmo após a revelação de que o tribunal que hoje preside sempre soube das torturas cometidas nos porões da ditadura.

Um dos temas tratados foi justamente o processo eleitoral. Pacheco saiu da reunião dizendo que foi uma “conversa institucional necessária para o alinhamento das instituições”. afirmou ainda que foi importante “para que não haja essa situação de um acirramento eleitoral, de uma disputa eleitoral contaminar as boas relações que devem, os presidentes e membros dessas instituições, ter entre si”.

A fala de Pacheco é compreensível, mas equivocada. Compreensível porque

pretende baixar a temperatura do fogo que Bolsonaro colocou entre as instituições. Equivocada porque um presidente de uma corte militar não tem nada que se meter com assuntos dos poderes constituídos, muito menos com as eleições. Um presidente do STM trata exclusivamente de assuntos jurídicos-militares. Reunir-se com um chefe do Legislativo para tratar do processo eleitoral não faz parte das suas atribuições. Ainda mais dentro do contexto atual, em que militares fazem ameaças golpistas de maneira permanente. A normalização dessa reunião, portanto, é um péssimo sinal para a democracia.

Um dia antes, o presidente do STF, Luiz Fux, recebeu a visita do general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, ministro da Defesa. Uma nota emitida pelo STF após a reunião revelou que o assunto central foram as eleições brasileiras: “[o general] afirmou que as Forças Armadas estão comprometidas com a democracia brasileira e que os militares atuarão, no âmbito de suas competências, para que

o processo eleitoral transcorra normalmente e sem incidentes.” Aqui temos o presidente de um poder constituído tratando de eleições com um militar nomeado pelo presidente para liderar as Forças Armadas. A normalidade com que se trata isso é preocupante.

O encontro aconteceu logo após o ministro da Defesa participar de uma reunião do Alto Comando do Exército com Bolsonaro e Braga Netto — o ex-ministro da Defesa que foi descompatibilizado para concorrer como vice de Bolsonaro, mas que ganhou o cargo de assessor especial do gabinete do presidente da República para não perder a mamata. Ou seja, o ministro da Defesa se reuniu com Bolsonaro e a cúpula dos militares às vésperas de uma reunião com o presidente do STF cujo assunto seria as eleições. A reunião acontece dentro de um contexto em que o presidente e os militares emitem sinais golpistas diariamente ao contestarem a lisura do processo eleitoral. A roupagem de mera reunião institucional que ambos tentam dar ao

encontro é mais uma tentativa de naturalizar o absurdo.

O presidente e os militares já deixaram claro que desejam participar e interferir no trabalho do TSE durante o processo eleitoral. O deputado federal bolsonarista Coronel Tadeu, do PL de São Paulo, declarou que as Forças Armadas devem interferir no processo eleitoral caso o TSE não resolva supostas falhas no modelo de votação. “As Forças Armadas estão praticamente de plantão esperando as ações do TSE”, afirmou o bolsonarista como se fosse a coisa mais normal do mundo. Bolsonaro reiterou na última quinta que “as Forças Armadas não vão apenas participar como espectadores das eleições”.

Essa promiscuidade entre os militares e o TSE é culpa também do próprio TSE, que abriu as portas do tribunal para os militares entrarem. O tribunal convidou um representante das Forças Armadas para integrar a Comissão de Transparência Eleitoral. A intenção, claro, era boa: comprovar para os generais a lisura

do processo eleitoral e colocar panos quentes no golpismo, o que não aconteceu.

A intenção é tumultuar. Quando o TSE realizou um teste público de segurança das urnas, as FFAA decidiram não participar. Segundo apurou a CNN Brasil, a avaliação entre os militares é “a de que uma eventual participação das Forças daria credibilidade ao teste”. Claro, assim é possível manter a carta da fraude nas urnas na manga.

O nome indicado pelos militares para integrar a comissão do TSE foi o do general Heber Garcia Portella, chefe de Defesa Cibernética do Exército Brasileiro, que recentemente contratou uma empresa de cibersegurança israelense. Um dos executivos dessa empresa, vejam só, é um analista que até pouco tempo figurava como diretor de Tecnologia da Informação da Secretaria-Geral da Presidência da República no governo Bolsonaro.

Nesta semana, o presidente afirmou que as urnas precisam ser auditadas — como se elas já não fossem super auditadas — e que o seu partido contratará uma empresa para isso. Não devemos nos espantar caso a contratada seja a empresa israelense representada pelo parça bolsonarista. Sabemos que não há a menor preocupação em disfarçar o golpismo.

Os fatos não importam. O que importa é manter a chama da dúvida sobre as eleições acesa e o golpismo vivo.

Também nesta semana, Portella cobrou do TSE a divulgação urgente das “consequências para o processo eleitoral, caso seja identificada alguma irregularidade”, como se isso já não estivesse definido pelas regras do tribunal. Foi ele também que assinou os 88 questionamentos feitos pelas forças ao TSE apontando riscos e fragilidades do processo. A corte respondeu apresentando uma série de medidas legais e procedimentos que são adotados quando as urnas apresentam problemas.

Mesmo assim, Bolsonaro tem repetido nos últimos dias que o TSE está ignorando as sugestões dos militares para reforçar a segurança no processo eleitoral. Os fatos não importam. O que importa é manter a chama da dúvida sobre as eleições acesa e o golpismo vivo.

Na quinta-feira, no bojo da escalada golpista, o ministro da Defesa encaminhou um ofício ao presidente do TSE, Edson Fachin, pedindo que todos os documentos trocados entre a corte e as Forças Armadas fossem divulgados. No documento, o general aumentou a tensão entre as instituições ao registrar que o presidente do TSE não atendeu a um pedido de audiência.

É evidente que os militares estão buscando pelo em ovo no processo eleitoral para municiar as narrativas golpistas de Bolsonaro. Se de fato houvesse preocupação com a lisura do sistema, o presidente não teria pressionado o Itamaraty para impedir a vinda de observadores internacionais da União Europeia para as próximas eleições. O TSE negociava a vinda desses observadores mas, sem o aval do ministério responsável pelas relações exteriores do país, teve que parar.

mesmo que Bolsonaro não consiga executar um golpe plenamente, só a tentativa já será terrivelmente danosa à democracia e ao povo brasileiro. É um erro subestimar esse cenário.

No ano passado, em uma reunião de portas fechadas com Bolsonaro, representantes da CIA pediram a ele parar de minar a confiança no processo eleitoral brasileiro. Bolsonaro é golpista demais até para os padrões da CIA, conhecida por fomentar golpes de estado mundo afora. O pedido não foi atendido, claro, porque agora, depois da saída do colega golpista, Donald Trump, Bolsonaro não balança mais o rabinho para o governo americano. Agora ele prefere balançar para o seu colega autocrata Putin.

Registre-se que tramita no TSE um inquérito administrativo para apurar os ataques infundados de Bolsonaro às urnas eletrô-

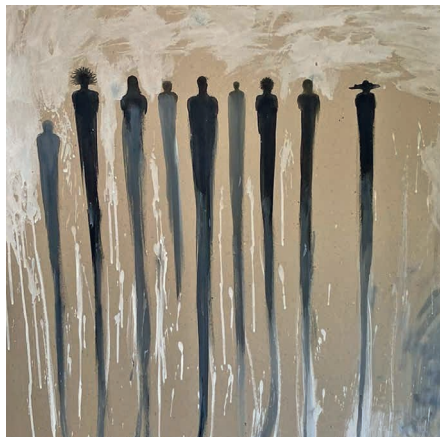
nicas. De acordo com o ministro do STJ Luis Felipe Salomão, a depender das provas colhidas, existe a possibilidade de Bolsonaro se tornar inelegível através do indeferimento do registro da candidatura ou com a cassação de seu mandato. As provas dos ataques ao sistema eleitoral são fartas e escancaradas. Vejamos se o tribunal terá a coragem necessária para enquadrar o golpismo.

Parece inacreditável, mas há ainda quem no colonismo brasileiro acredite que boa parte da cúpula dos militares não endossa os radicalismos do presidente e que estaria incomodada com seu golpismo. É triste ter que lembrar mais uma vez do óbvio: Bolsonaro e as Forças Armadas se tornaram uma coisa só.

Há também quem diga que, caso Bolsonaro perca as eleições, não haverá condições materiais para um golpe. Hoje, de fato, essas condições não existem, mas podem vir a existir. E mesmo que Bolsonaro não consiga executar um golpe plenamente, só a tentativa já será terrivelmente danosa à democracia e ao povo brasileiro. É um erro subestimar esse cenário.

Todas as movimentações das Forças Armadas em relação ao processo eleitoral já são o início de um processo de tentativa de golpe. A degradação permanente das instituições faz parte da preparação do terreno. Não sabemos se o golpe vingará, mas podemos ter a certeza absoluta que a democracia enfrentará problemas graves pela frente, qualquer que seja o vencedor das eleições.

Alisson Carvalho é natural de Teresina, mestrando em Antropologia pela UFPI. Redator do site e das redes sociais da Geleia Total. Autor dos livros premiados “Boxers” (2020), “O chocalho do gado” (2020) e “Chapada do Corisco” (2022). Artista visual, ator, diretor e produtor cultural.



O bicho político

“**V**i ontem um bicho”

Sedento, não estava ensoado pelo suor, mas banhado por uma fina camada de chuva. Amontado de sombras, ele emergia das águas na esperança de retirar daquelas correntezas um fio de esperança. Tal qual o espetáculo “De repente tudo fica preto de gente”, o bicho tenta <<em vão>> se destacar, mas é preso pela torrente que insiste em padronizá-lo naquela multidão. Um aglomerado de gente que perde a individualidade e se torna o todo, deixa de lado o poder de agência para ser massa e como tal passa a ser guiado por um pensamento coletivo. Movidos pela multidão eles seguem como um grande bloco cuja inversão dos valores os fazem pensar que o politicamente correto é errado, é brega.

“Na imundície do pátio”

Espaço sombrio e impregnado por tantas máculas que já não conseguimos separar o que é ou não probo, apesar disso esse é o único lugar que possuímos para performar a nossa querida democracia ou o nosso direito de ter direitos. O pátio está fragilizado e isso agora pouco importa.

Já é possível notar que o alimento aqui é outro... Porém tão apetitoso quanto o que

devoramos, por isso é possível enxergar todos eles lá:

“Catando comida entre os detritos.”

Cercando o bicho político, inflando-o com pompas – nada diferente dos privilégios já implantados na carne branca, estão as aves de rapina querendo beliscar a sua própria parte. O bicho, meu deus, grita palavras de ordem, fala sobre desigualdade, mas nunca soube o que é ter fome, não compreende o sentido da coletividade. Cercado de egos amaciando as suas vestes temos mais um “novo nome”, mas tão antigo quanto os vermes que o precedem naquela lama. Ele está no pátio fortalecendo a estrutura e as malhas do poder, atacando o gramado vizinho enquanto regula o seu gramado.

“Quando achava alguma coisa
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.”

Está no discurso de cada boca, está no teto de marfim, escupido em cada estátua dos colonizadores da cidade. E tem um jeito do povo, mas no fundo é só assistencialismo vestido com o véu da caridade. Porque tudo sempre foi pelo poder, para o poder e com o poder!

Não adianta tentar, tira as décadas de gestão para colocar o século de poder. Preparam as crias para os palanques, pois filho

de peixe tem que abocanhar desde cedo. É por mérito só no discurso, porque na realidade tudo ali é só por afeto e proximidade. Quem mais babar leva a melhor fatia, está chegando a hora dos abraços.

Quando a sirene tocar o curral eleitoral vai anunciar. Cada sorriso teatralizado, cada trejeito ensaiado, eles rindo para turvar o rosto engessado. E sabendo que jamais uniria todos os lados, pois tinha a certeza que existia bem longe e apartados alguns nomes intocáveis, blindados pelo poder.

“O bicho não era um cão
Não era um gato,
Não era um rato”

E se Bandeira estivesse vendo a selva, provavelmente teria se desligado das calçadas, pois naquele matagal sem as armas o que mais maltratava não era adagas ou espadas, mas, sobretudo, as palavras. O bicho já compreendendo os segredos e dinâmica do pátio, já de terno e toda a indumentária, foi para o meio dos detritos e, olhando para os ímpios, ficou estupefato, pois jamais imaginaria que aqueles velhos de terno e cigarro fossem os responsáveis pelos seus atos. Então, abandonadas todas as responsabilidades, embebecido pela vaidade e vitória antecipada, gritou:

“O bicho, meu Deus, era um homem.”



ALEXSANDRA LARISSA MATOS TORQUATO | Possui graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Piauí-UFPI-PI; Graduação em Direito pela Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí - UNINOVAFAPPI, Especialização em Direito Tributário pela Faculdade Internacional Signorelli FIS-RJ, Masterado em Ciências de la Educación pela Universidad Tecnológica Intercontinental- UTIC-PI; Pós-Graduação em Direito Trabalhista e Previdenciário pela Faculdade Maranhense São José dos Cocais - FMSJC-MA, Especialização em Direito - FORUM-PI, Coordenadora do Curso de Ciências Contábeis da FMSJC/MA (Avaliada pelo MEC na atuação de Coordenadora conceito 5,0), Mediadora e Conciliadora Extrajudicial (CEJUSC MA/PI); Mediadora e Conciliadora Judicial no Fórum Timon-MA (2015 - 2020) e no Fórum de Teresina -PI (2017 -2020), Curso de Arbitragem- Teoria e Prática CRC-PI, Coordenadora da Comissão de Mediação e Arbitragem CRC/PI (2020 em diante). Membro da Comissão Advocacia Colaborativa/OAB/PI (2022 em diante).

Segurança Jurídica e Efetividade da Prestação Jurisdicional e o Estado Democrático de Direito Legal

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo transcorrer acerca dos princípios constitucionais da segurança jurídica e da legalidade como essenciais para efetivação da prestação jurisdicional e do Estado Democrático de Direito que somente se alicerçam e coadunam na existência irrefutável estabilidade das questões jurisdicional, para produção de julgados e resolvem conflitos de interesses sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Princípios Constitucionais; Segurança Jurídica, Estado Democrático de Direito.

INTRODUÇÃO

Antes de adentrarmos no tema devemos tecer alguns comentários acerca do conceito de segurança jurídica.

A questão da segurança jurídica esta atrelada na possibilidade de acertar com apoio nas normas positivadas promovendo decisões justas em todos os âmbito dos poderes constituintes.

Os princípios constitucionais constituídos de normas jurídicas

exigem a aplicabilidades da forma mais justa diante de conflitos visando concretização da justiça.

A ordem jurídica atual encontra-se num estágio organizacional que lhe obriga a ordenar e coordenar suas decisões de modo que os conflitos de toda mota ponham os interesses sociais em níveis de harmonização, impondo-lhe o controle jurisdicional em critérios justos e equilibrados.

O Estado, através do poder jurisdicional regulador, tenta eliminar conflitos interindividuais impondo soluções possíveis para pacificar casos concretos decidindo sobre pretensões e impondo decisões justa de modo a equilibrar os anseios sociais.

De modo que o pretório superior consolidou entendimento nos termos constitucionalmente instituído a definição que a lei não prejudicará o direito adquirido, o ato perfeito e a coisa julgada, nos termos do artigo 5º, inciso XXXVI, portanto, em síntese, direito adquirido, ocorrência da consolidação ao patrimônio do seu titular; ato perfeito, sendo a reunião de todos os elementos exi-

gidos por lei, e por fim; coisa julgada, decisão da qual não caiba mais recurso, tornando-se imutável, assim, o Princípio da Segurança Jurídica, encontra-se, diretamente relacionado nos termos constitucionais.

Canotilho esclarece que¹

Os princípios da protecção da confiança e da segurança jurídica podem formular-se assim: o cidadão deve poder confiar em que aos seus actos ou às decisões públicas incidentes sobre os seus direitos, posições jurídicas e relações, praticados ou tomadas de acordo com as normas jurídicas vigentes, se ligam os efeitos jurídicos duradouros, previstos ou calculados com base nessas mesmas normas. Estes princípios apontam basicamente para: (1) a proibição de leis retroactivas; (2) a inalterabilidade do caso julgado; (3) a tendencial irrevogabilidade de actos administrativos constitutivos de direitos. (J. J. Gomes Canotilho. Direito Constitucional, p. 373)

¹CANOTILHO, José Joaquim Gomes. *Direito constitucional e teoria da constituição*. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2000, p. 264.

O princípio da segurança jurídica, petrificada com cláusula pétrea, salvaguarda os atos perfeitos, obrigando o poder-dever jurídico a plena eficácia de suas decisões. Portanto, podemos conceituar segurança jurídica como sendo uma garantia de termos decisões certas, coesa, tendo em vista fazer justiça. Para tanto, precisamos de uma prestação jurisdicional eficaz e capaz de dirimir todas as questões que envolve um caso concreto.

Vale trazer novamente os esclarecimentos de Canotilho:²

Segurança jurídica e protecção da confiança – andam estreitamente associados a ponto de alguns autores considerarem o princípio da protecção de confiança como um subprincípio ou como uma dimensão específica da segurança jurídica. Em geral, considera-se que a segurança jurídica está conexcionada com elementos objectivos da ordem jurídica – garantia de estabilidade jurídica, segurança de orientação e realização do direito – enquanto a protecção da confiança se prende mais com as componentes subjectivas da segurança, designadamente a calculabilidade e previsibilidade dos indivíduos em relação aos efeitos jurídicos dos actos dos poderes públicos. A segurança e a protecção da confiança exigem, no fundo: (1) fiabilidade, clareza, racionalidade e transparência dos actos do poder; (2) de forma que em relação a eles o cidadão veja garantida a segurança nas suas disposições pessoais e nos efeitos jurídicos dos seus próprios actos. Deduz-se já que os postulados da segurança jurídica e da protecção da confiança são exigíveis perante ‘qualquer acto’ de ‘qualquer poder’ – legislativo, executivo e judicial (CANOTILHO, 2002, p.257).

Neste ponto existe um choque na instrumentalização do Estado, pois se a máquina estatal não agregar condições para incrementar exercício da prestação jurisdicional eficaz a segurança jurídica ficara ameaçada, pondo em risco qualquer garantia constitucional, ocasionando danos irreparáveis para os envolvidos nas questões levadas ao conhecimento do Estado-Juiz.

Vale ressaltar, a sociedade encontra-se em constante mutação numa velocidade superior as adequações as leis, podendo, também, provocar decisões insegurança instabilizando a sociedade, como inúmeras decisões injustas que provocam na sociedade incerteza na Justiça.

A segurança jurídica está intimamente ligada ao princípio da legalidade, pois, todo ato praticado por julgadores, em todos as instâncias processuais, devem ser motivados e norteados em termos constitucionais e, ou infraconstitucionais, procurando manter a legalidade dos atos.

A segurança e a confiança nas decisões dos nossos pretórios devem ser sempre claras, precisas, livres de quaisquer amarras. Racionais, tendo em vista, o efeito danoso que pode causar uma decisão injusta, e as consequências provocadas na ordem social atingindo interesses da coletividade.

Utópica alegar que todas as decisões são integralmente justas. A função primordial da Justiça é a interpretação da lei, sendo assim podemos ter várias exegeses nos termos legais, explicadas por colocações hermeneuta no Direito atual, nas alegações de lacunas legais tendo como norte o distanciamento do que vem a ser justo do injusto.

Considerações Finais

A segurança jurídica está diretamente ligada aos direitos fundamentais consolidados no Estado Democrático de Direito, mesmo na constantes alterações sociais e econômicas que assolam o Estado

Brasileiro e a sua efetiva prestação requer toda sorte de estruturação social e política.

Enfim, segurança jurídica e a efetivação da prestação jurisdicional, coadunam-se, pois, a certeza de decisões justas, são matrizes para que possamos ter um Estado de Direito sólido e capaz de produzir julgamentos exigidos pelas diretrizes legais e apaziguar os interesses sociais.

Como de certo, o Supremo Tribunal Federal, guardião da Constituição Brasileira, fará, como órgão jurídico-político, a interpretação ir-restrita dos fundamentos legais da norma, pois é nela que foram esculpidos os ideais no momento de sua constituição, sabendo, ainda, que análises e adequações serão vistas e aceitas devido ao avanço social e de certa forma tornou algumas normas “letra morta” ao ordenamento jurídico atual.

Referencias

CANOTILHO, José Joaquim Gomes. **Direito constitucional e teoria da constituição**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2000.

MORAIS, Alexandre de. **Direito Constitucional**. 24^a. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

²CANOTILHO, José Joaquim Gomes. **Direito constitucional e teoria da constituição**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2000, p. 264.



O RIACHO DO PONTE OU PISCINÃO DO PONTE

Um dos principais afluentes do Rio Itapecuru no município de Caxias/MA, está se transformando em uma grande lixeira humana e uma célula de esgoto a céu aberto

Um dos grandes e principais afluentes do Rio Itapecuru no município de Caxias/MA, é o riacho Maria do Rosário, que é denominado de riacho do Ponte ou Piscinão do Ponte

por causa do bairro e de um piscinão que foi construído no perímetro urbano para o lazer da comunidade e de turistas.

O riacho do Ponte ou piscinão do Ponte, considerado um dos

principais pontos turísticos da cidade de Caxias, a 360 km da capital São Luís/MA, está completamente abandonado, degradado, poluído, contaminado e se transformando em uma grande lixeira humana e es-

goto. O local atualmente é ponto de depósito de resíduos sólidos (lixo) e contínuo desmatamento de suas matas ciliares e nascentes. Mas, apesar de toda a sujeira, poluição e contaminação no riacho, ainda é possível



encontrar algumas pessoas se arriscando em um tímido e perigoso banho.

Esse importante recurso hídrico que já foi considerado um cartão postal do município de Caxias/MA, e uma área de lazer de suma importância ecológica, ambiental, turística, social, cultural e histórica. Encontra-se na contemporaneidade secando, agonizando, morrendo e pedindo socorro, com suas águas em situação de vulnerabilidade e alto grau de poluição, contaminação, degradação ambiental antrópica extrema, tornando-se um problema de saúde pública para a população, devido a supressão e ocupação de suas matas ciliares; assoreamen-

to; efluentes domésticos e sanitários despejados de maneira “in natura” dentro do seu leito, sem nenhum tratamento adequado; e também estão sendo lançados grandes quantidades de resíduos sólidos(lixo), tais como: garrafas PET, sacolas plásticas, copos descartáveis, latinhas de alumínio, garrafas de vidro, isopor, pneus, sofás, assentos sanitários, entre outros materiais que poderiam ser reciclados e reutilizados, gerando renda e qualidade vida socioambiental para a população do entorno.

Ademais, o riacho do Ponte ou piscinão do Ponte está precisando urgentemente de políticas públicas socioambientais efe-

tivas, projetos de educação ambiental, despoluição, descontaminação, saneamento básico, revitalização e recomposição de suas matas ciliares desde a sua nascente até a sua foz no Rio Itapecuru, e também práticas sustentáveis para salvar esse importante recurso hídrico, que já foi um dia um ponto turístico, um cartão postal e uma importante área de lazer para as famílias e municípios caxienses.

Infere-se, portanto, se nada for feito pelas autoridades políticas governamentais, gestores ambientais e também a própria população do município de Caxias/MA, estaremos diante de um problema grave

de saúde pública, e com alto grau de vulnerabilidade de degradação ambiental, poluição e contaminação, e ao mesmo tempo transformando em uma grande lixeira humana e uma célula de esgoto a céu aberto um dos principais afluentes do Rio Itapecuru, no município de Caxias/MA.

Vistoria técnica no riacho do Ponte ou piscinão do Ponte, um importante afluente do Rio Itapecuru, que encontra-se agonizando, secando, morrendo, poluído e contaminado com resíduos sólidos (lixo), efluentes domésticos e sanitários no perímetro urbano do município de Caxias (MA), na região dos Cocais (MA).



■ José Carlos Aroucha | Engenheiro Florestal



Daniel Lemos | é pianista, professor do Departamento de Música da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e no curso de Música Licenciatura EaD da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Colabora desde 2020 com a Revista Nova Imagem, do jornalista Alberto Pessoa.

Teatros e casas de espetáculos no Maranhão

Espaços culturais – chamados também de “equipamentos” em políticas públicas de Cultura – são os locais que podem receber produções artístico-culturais, como apresentações de música, encenações teatrais, espetáculos de dança, exposições de cinema, feiras de artesanato, exposições de pinturas e esculturas, dentre as diversas possibilidades.

Na prática, qualquer lugar público pode se tornar um espaço cultural. É costumeiro vermos tais produções

em calçadas, travessas, praças, terrenos baldios, estacionamentos e até em cemitérios: alguns deles possuem lápides que são verdadeiras obras de arte, feitas por artistas visuais contratados por famílias abastadas. É o caso dos cemitérios de São Pantaleão (1855) em São Luís, popularmente conhecido como “cemitério do Gavião”; de São Benedito (1861) e de Nossa Senhora dos Remédios (1862), em Caxias; e do cemitério municipal de Alcântara (1880). Entretanto, é a edificação de locais dedicados exclusivamente às Artes e à Cultura que

sinaliza um desenvolvimento cultural significativo, pois é evidência de que houve interesse daquela comunidade em assegurar uma produção artístico-cultural contínua.

Segundo o importante Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão (1870) de César Augusto Marques, um alvará de 17 de julho de 1771 aconselhou a instalação de teatros nas colônias portuguesas, como “deles resultava a todas as nações grande esplendor e utilidade [...]”. Curiosamente, um ano antes desse documen-

to foi inaugurada a Casa da Ópera de Vila Rica na atual Ouro Preto/MG, até hoje em funcionamento, sendo o teatro mais antigo das Américas em atividade contínua. Em São Luís, foram criados alguns pequenos teatros, mantidos temporariamente nos casarões de cidadãos interessados na arte.

Teatro Arthur Azevedo

Contudo, foi apenas em 1815 que, mediante a iniciativa de dois cidadãos portugueses – Eleutério Varella e Estevão Braga – deu-se início a construção do Theatro

União, inaugurado em 1 de junho de 1817. Com capacidade para 430 pessoas, possuía dimensões semelhantes às dos principais teatros europeus de sua época. Na primeira metade do século XIX, a casa recebia espetáculos teatrais e as companhias de “variedades”: malabaristas, mágicos e até exposição de animais exóticos – sendo que uma delas, realizada em 1848, destruiu o teatro internamente. Graças a isso, uma grande reforma foi feita para que a casa também pudesse receber companhias líricas, sendo reinaugurado em 14 de março de 1852 sob o nome de “Theatro Nacional de S. Luiz”, cuja temporada estava sob a direção do maestro Antônio

Luiz Miró (1805-1853).

Graças ao portentoso teatro, São Luís se tornou parada obrigatória no roteiro das companhias líricas e dramáticas que circulavam no Brasil Imperial e início da República. Elas vinham dos demais centros culturais do país – Rio de Janeiro, Salvador e Recife – e de outros países, como Portugal, Itália, França, Espanha e, e menor número, Estados Unidos e até Japão! Os benefícios econômicos do ciclo da borracha também chegaram ao teatro: companhias líricas italianas contratadas pelo maestro campinense Joaquim Franco (1857-1927) para se apresentar no Theatro da Paz e no Theatro Amazonas também passavam pela capital do Maranhão.

Fonte: *Álbum do Maranhão (1908) de Gaudêncio Cunha (1858-1920)*



*Theatro São Luiz
mais antiga que se
tem notícia*

Com a redução no trânsito das companhias de espetáculos ao longo da primeira metade do século XX, a orquestra do teatro foi extinta. Os eventos se limitavam à recepção de artistas em tournée pelo país, quando então se mobilizavam músicos com urgência para acompanhá-los. Com a popularidade do cinema – São Luís che-

gou a ter cinco cinemas na década de 1910! – o Teatro Arthur Azevedo, assim renomeado em 1922, foi adaptado para a exibição de filmes durante as décadas de 1930 a 1950, sendo descaracterizado completamente. Em 1966, a pianista maranhense Adelmana Torreão (1929-1985), neta do flautista Adelman Corrêa (1884-

1947), denunciou a situação do teatro ao ser convidada pelo então governador José Sarney

para realizar um concerto, que acabou sendo realizado no Palácio dos Leões.

Fonte: *Revista Athenas*



“Cine-Teatro” Arthur Azevedo em 1939

O alerta feito pela pianista contribuiu para subsequentes reformas visando à restauração do teatro, buscando fidelidade arquitetônica com seu projeto original. Na década de 1980, a casa recebeu diversos espetáculos de música, teatro e dança, contando até mesmo com um palco móvel. Contudo, os equipamentos da época e acervo com as gravações dos eventos foram extraviados.

Em 1994, o teatro adquiriu um piano de cauda longa Steinway, mas que teve sua primeira manutenção após 21 anos, graças ao projeto “Pianos de São Luís”, uma parceria estabelecida entre a Escola de Música do Estado (EMEM), a UFMA, a UEMA e o IFMA para restaurar os pianos da cidade.

Mesmo oferecendo espetáculos variados para a sociedade local, o Teatro Arthur Azevedo peca no sentido de não ter uma política cultural que facilite o acesso a

sua pauta para produções independentes e espetáculos mais intimamente ligados à sua história. Nesse sentido, ele poderia seguir o exemplo de suas casas-irmãs, o Teatro da Paz de Belém e o Teatro Amazonas de Manaus – esse último projetado e construído na gestão do governador Eduardo Gonçalves Ribeiro, maranhense que tinha o intuito de ver esse projeto em sua terra natal, mas que não contou com o devido apoio.

Teatros no interior

Fruto de uma elite econômica carente de “passatempos”, Caxias foi palco de uma das casas mais antigas do país: o Theatro Harmonia. Inaugurado em 1843 defronte à atual Praça Vespasiano Ramos (à época Largo de São Benedito), ele possuía 152 lugares, sendo 32 camarotes. Companhias teatrais vindas de São Luís e Teresina passaram pelo teatro, e para realizar o acompanhamento musical das encenações,

eram contratadas as bandas da cidade, na época as dos mestres Antônio Cariman e Francisco de Seixas Dourado. A última notícia sobre o teatro data de 1860, informando que o mesmo se encontra “arruinado”.

Em 1883, foi inaugurado o Theatro Fenix, colocando Caxias mais uma vez no roteiro de companhias líricas e dramáticas. Foi nele que o compositor Elpídio Pereira (1872-1961), em 1892, realizou seu primeiro concerto após a estadia na França para estudar música, mencionando em sua autobiografia o reencontro com seus antigos profes-

sos, o maestro Cariman e o clarinetista Antonio de Souza Coutinho. Essa mesma casa recebeu a primeira exibição cinematográfica da cidade, em 1901, conforme nos relata o professor Francisco Medeiros.

Em 1936, o teatro foi incorporado pelo Colégio Caxiense, tornando-se auditório do mesmo. A partir de então, segue-se uma trajetória de altos e baixos. Na década de 1960, o espaço recebeu uma reforma, passando a ter 600 assentos para a plateia. Contudo, os últimos anos têm sido trágicos: hoje, apenas sua fachada continua de pé.

Fonte: acervo do autor



Fachada do Teatro Fênix em 2021

O interesse pelos teatros no Maranhão não foi exclusivo das cidades de maior poderio econômico. César Marques nos informa sobre dois pequenos teatros em São Bento, que funcionaram em 1854 e 1867, sendo esse último mantido pela sociedade “Recreio Dramático”, nomenclatura recorrente para as associações mantenedoras de atividades artísticas. Em 1880, outro espaço foi inaugurado na cidade, na qual a notícia comenta que o teatro é “a melhor escola para os que entendem que não viemos a

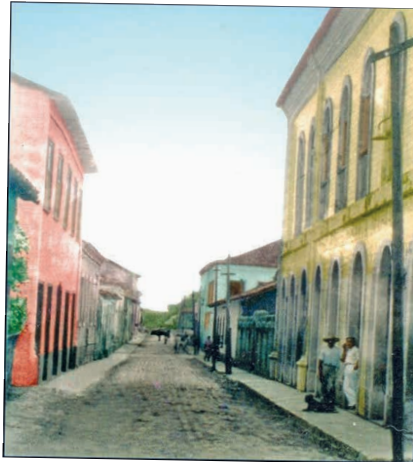
este mundo somente para comer e dormir”. Também no Oeste maranhense, um grupo de amadores criou um teatrinho em Turiaçu no ano de 1881, que levou à cena três comédias. É interessante observar o apreço dos maranhenses por esse tipo de produção, tanto na capital quanto no interior.

Na região do Munim, Rosário contou com a fundação de um teatro em 1863 com capacidade para 300 pessoas, mantido pela sociedade literária Atheneu Rosariense e que tinha como objetivo ser “um ponto de recreio e

distração aos seus habitantes, ao mesmo tempo que os instruisse e fosse amortecendo as intrigas e rivalidades políticas com a frequente reunião de todos”. Mais ao sul, Codó teve o Theatrinho Variedades, inaugurado no dia 28 de julho de 1886 com comédias teatrais de Amé-

rico Azevedo. Na região dos Lagos, Viana – a cidade dos músicos – contou com o Theatrinho Vianense a partir de 1899 no térreo do sobrado em que funcionava o colégio de Alexandre Rayol (1855-1934), que organizava eventos musicais junto às atividades de ensino.

Fonte: Blog de José Mendes Pinheiro Filho



Rua Cônego Hemetério Filho, com o sobrado vermelho que recebeu o Collegio Rayol à esquerda

No século XX, temos em Alcântara o Theatrinho Tapuytaperá, de curta duração. Tomaram parte em sua fundação o artista visual Nestor Ramos (1883-1946) e o maestro Honório Joaquim Ribeiro (ca. 1865-1912). Em 1922, é noticiada a existência do Theatrinho Alcantarense, que também levou à cena peças teatrais cômicas. Também na década de 1920, Pinheiro possuía o Theatro Guarany, que também recebia eventos políticos. Um pouco antes, em 1919, São João dos Patos é listada no Almanak Lammert com duas bandas de música e o Theatro Wilson. Em 1923, Balsas contava com o Theatro São José, com capacidade para 500 pessoas, e dois coletivos teatrais: o “Grupo Dramático Assis

Garrido” e o “Grupo Dramático Infantil Viriato Corrêa”.

Nos dias de hoje, nos deparamos com teatros em cidades do interior. Contudo, a falta de estabelecimento de uma agenda regular de espetáculos, bem como de investimento privado e público, dificulta o funcionamento desses espaços culturais. Um mapeamento, em primeiro lugar, seria oportuno para que profissionais das Artes e da Cultura os conheçam; o segundo passo é promover projetos culturais visando à ocupação dos teatros, levando à sociedade maranhense uma diversidade de produções e experiências muito além daquelas vivenciadas no cotidiano pela absoluta falta de oportunidades – e de interesses do mercado.

O Rádio

O rádio sempre foi o veículo de comunicação mais rápido e apaixonante do planeta, e também o que mais absorveu e espalhou as transformações da história. Sua expansão mundial aconteceu entre 1914 e 1918, após a Primeira Guerra. Naquela época houve um grande desenvolvimento dos meios eletrônicos, com o objetivo de aprimorar a comunicação para fins militares. Quando surgiu no Brasil, era privilégio apenas da elite, mas com a ajuda do então Presidente Getúlio Vargas, se tornou o meio de comunicação das massas. Era 1930, e ali acontecia o início da Era de Ouro do Rádio. Vargas estabeleceu várias concessões para empresas particulares que, em troca, utilizavam o veículo como propaganda para divulgar seus feitos e enviar mensagens políticas aos ouvintes no programa obrigatório “A hora do Brasil”, mais tarde renomeado para “A voz do Brasil”.

As rádios foram responsáveis pelo lançamento de artistas como Ary Barroso, Dalva de Oliveira e vários outros nomes que alicerçaram o cenário da música

popular brasileira. Durante as décadas de 50 e 60, muitos acreditaram em seu fim, pois a televisão surgiu como uma grande invenção de comunicação em massa. No entanto, a estrutura da imprensa naquela época fazia com que as notícias de todos os cantos do mundo chegassem sempre em primeira mão no rádio, visto que produzir um noticiário para TV exigia muito trabalho. No campo musical, os lançamentos também continuaram favorecendo as ondas, que continuaram como o veículo de comunicação mais importante. Outro fator que contribuiu para a manutenção de sua relevância foi a demora da televisão em alcançar diversas regiões. Durante a década de 70, mais precisamente em 1976, a chegada da “Frequência Modulada” amealhou um novo e apaixonado público: os jovens, amplificando ainda mais o poder do rádio. Os locutores tinham status de celebridade: Zé Bettio, Eli Corrêa, José Gil Avilé (Beija-Flor), José Paulo de Andrade, Inezita Barroso e tantos outros tiveram suas vidas marcadas pelo fascinante mundo das ondas sonoras.

Nos anos 90 a revolução da internet foi encurtando distâncias, facilitando a comunicação e a disseminação de informações. O que acontecia no outro lado do planeta estava a poucos cliques de distância. Os artistas internacionais se catapultaram para todo o mundo de modo muito mais rápido. Enquanto a indústria fonográfica passava por uma grande transformação, o rádio permanecia: atualizado e adaptável, mas sempre o mesmo, parte incontestável da cada vez mais álgida sociedade. E novamente muitos disseram: o rádio irá acabar! Mas como um líquido, ele permeia qualquer espaço, flexível para se encaixar em qualquer situação. Hoje temos as web rádios, estúdios que passaram a transmitir seus programas também com imagens, podcasts e inúmeras novas possibilidades: você ouve o que quer, quando desejar e no formato que preferir. O rádio é mágico, transformador, apaixonante, único! E principalmente, imortal. Sua maleabilidade o leva para novos formatos, novas metodologias, novos ambientes, mas sua essência permanece eterna.



TEXTO/JANE Huscher
Jornalista e radialista em
Belo Horizonte/MG

“**Meu dia só começa
quando ligo meu radinho!**”

Geraldo N. Nascimento - Rezende Costa/MG em 10/02/2022

É música e resistência

O REGGAE

Pelas lentes rastafáris

Música e espiritualidade se enlaçam, constroem histórias, despertam desejos e inquietações. Pensar a arte, seja ela a música ou todas as suas infinitas formas, é pensar em resistência. Arte é resistência, espiritualidade rastafári é ancestralidade, e assim, se enlaçam e se misturam formando um todo carregado de ritmo, protesto, dança, fé, música e identidades.

A música e a espiritualidade trazem consigo um poder de mudança, de questionamento. Através de um movimento cultural onde ambos são fatores centrais, descendentes de povos africanos escravizados na Jamaica,

uniram forças em busca de um estilo de vida que pudessem libertá-los das correntes da escravidão, do colonialismo, da Babilônia.

Foi na década de 1930 que surgiu na Jamaica o movimento rastafári em torno de uma previsão atribuída ao ativista jamaicano Marcus Garvey: “Olhe para a África – quando um rei negro for coroado, o dia da salvação estará próximo.” Na Etiópia, em 1930, Ras Tafari Makonnen, (25º descendente do Rei Salomão) foi coroado imperador e assumiu o título de Hailé Selassié I (Poder da Santíssima Trindade), recebeu da Igreja Ortodoxa Etíope o título de Rei dos Reis, Senhor dos Senhores e Conquistador da Tribo de Judá, títulos bíblicos dados ao esperado Messias. Garvey, foi um dos intelectuais que formalizaram a corrente

de pensamento conhecida como pan-africanista, cujo argumento principal demandava a soberania negra na Diáspora africana.

O movimento rastafári surge como consequência de um forte movimento de consciência negra, auto-identificado como anticolonialista e que lutava contra as péssimas condições dos operários negros nas fábricas e contra certos traços políticos e sociais jamaicanos, entendidos como sendo os resquícios da escravidão (REHEN, 2005).

Os chamados rastas, têm grande aproximação com a natureza, muitos são vegetarianos ou veganos. A Cannabis sativa, marijuana para os jamaicanos, popularmente conhecida como maconha, foi integrada com sentido religioso nos rituais de veneração a Jah, uma forma de derivação do nome



Sâmara Vanessa N. Costa Cientista Social, Mestre em Antropologia e doutoranda em Antropologia pela UFPB



Banda teresinense Jah Une

Jeová, encontrada em antigas versões da Bíblia.

O movimento Rastafári nasce numa condição de resistência, trazendo como sua bandeira o ritmo do reggae, usando a música para alcançar um status de espírito livre. O reggae é um gênero musical desenvolvido originalmente na Jamaica no fim da década de 1960. Foi influenciado pela música tradicional africana e caribenha, além do rhythm and blues americano. No enlace ao movimento rastafári, o reggae é visto como uma música sagrada, de cunho espiritual e de protesto.

O cenário musical teresinense vem abrindo

cada vez mais portas para os diferentes tipos de reggae. O fazer musical da cultura piauiense contempla o reggae pop, difundido através de bandas que utilizam deste ritmo musical, mas que o foco não é a preservação de uma identidade rastafári; encontra-se também alguns espaços de shows de radiola, onde o reggae é apreciado através de uma aparelhagem de som tendo a supervisão de DJs, e temos também as bandas de reggae, compostas por uma diversidade de musicistas, que enaltecem e divulgam a cultura rastafári, mas que não são compostas cem por cento por integrantes rastas.

O reggae aqui carrega uma semelhança rítmica com uma das expressões da cultura popular local, o Bumba-meu-boi, uma sinopse das culturas africanas, indígenas e europeias. Mas o estudo do reggae que se enlaça à espiritualidade rastafári, não estar voltado somente para o seu ritmo ou cadência musical, o reggae não está isolado de uma vivência mística e espiritual. O momento de oração não necessariamente se distingue do momento em que os músicos se encontram no palco. Para os rastas, a música reggae é uma forma de se comunicar com Jah, seria assim, uma forma de oração, de se conectar com o divino – sendo esse divino não apenas um Deus, um ser superior e distante do mundo real, mas sim, um todo, isso inclui a mata, os riachos, o céu, o sol, o mar. Toda a natureza e o conjunto da vida formam um elo com o sagrado.

Todos aqueles que são e /ou se reconhecem como descendentes de povos vindos de África, ou que

exercem práticas culturais, religiosas relacionadas a esses povos, são ainda hoje, vítimas de uma violência cultural, física e simbólica. O reggae e o movimento rastafári não escapam disso, mas em contrapartida, se reconhecem com a luta da descolonialidade, buscando romper com os paradigmas coloniais, através de suas músicas, da sua estética e de seus modos de vida.

A música reggae tocada pelas bandas teresinenses, se destacam por ter em sua maioria, letras que retratam o movimento rastafári, tendo influências da Jamaica, e também da realidade vivida no contexto local, focando-se em símbolos de etnias que formam a sociedade brasileira. Evidenciamos que, além da busca pela preservação da história e cultura vinda dos afrodescendentes, o reggae teresinense também reafirma a busca pela preservação de suas raízes vindas dos povos pindorâmicos, os quais os colonizadores chamaram de índio.



23 DE ABRIL Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor

Cervantes e autores maranhenses



Miguel de Cervantes

*** **O** Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor tem origem na Espanha. A data 23 de abril é a do falecimento, em 1616, de Miguel de Cervantes Saavedra, o notável espanhol autor de “Dom Quixote”, magistral obra em dois volumes (o primeiro lançado em 1605; o outro, 1615).

Mas há registros dando conta de que, desde 1923, e também no mês de abril, Cervantes já era homenageado em sua terra natal, com a criação de uma Feira de Livros em sua homenagem (homenagem

consolidada – até pela realza espanhola – nos anos seguintes, com registros em 1926 e 1930).

Em 1995, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)

oficializou a data, e acrescentou-se que, naquele mesmo dia 16 de abril de 1616, além de Cervantes, outro gigante da Literatura universal também havia falecido: William Shakespeare, autor sobretudo de

grandes textos teatrais que há séculos são levados ao palco e reinterpretados no Cinema.

Também foram citados outros autores com nascimento ou morte registrados em 23 de abril. (Não se

dirá, aqui, da diferença de dias que aparece quando se converte o calendário juliano, vigente na Inglaterra shakesperiana, para o calendário gregoriano, vigente na maior parte do mundo, ocidental sobretudo).

Com uma obra numerosa e variada, e também sendo muito lido, citado e estudado, ainda assim Shakespeare não superou seu contemporâneo de morte: Cervantes teve uma de suas obras, o “Dom Quixote”, eleita como o melhor livro de todos os tempos, segundo escritores de qualidade incontestes e de fama mundial que se reuniram na Noruega, em maio de 2002, e escolheram a obra do sofrido autor espanhol – que penou como escravo, tinha problemas financeiros graves, convivia com brigas domésticas com filha e mulher (que o deixou), sofreu o descaso de desejados protetores na nobreza da Espanha, manteve interações homossexuais (algumas delas, imaginadas, forçadas).

Além disso, Cervantes sofreu “ataque” de um até hoje insabido autor, que escreveu a continuação de seu “Dom Quixote”, beneficiando-se do sucesso da obra naquelas duas primeiras décadas dos anos 1600, quatrocentos anos atrás. (Ocorre que, em texto introdutório a outra obra sua, Cervantes antecipou que “Dom Quixote”, lançado em 1605, teria continuação, uma segunda e última parte. Alguém até hoje não descoberto, que não gostava de Cervantes e que também tinha gosto pelas Letras e pela escrita,

antecipou-se a ele e escreveu uma obra pseudônima, dizendo ser a continuação. Isso obrigou Cervantes a apressar a segunda parte, final, de seu romance, que foi lançada em 1615, um ano antes de sua morte, em 1616).

O “Dom Quixote” de Cervantes é um dos orgulhos da nação espanhola. Com certeza, como livro e a partir da obra, a Espanha apresenta-se maior que seus 500 mil quilômetros quadrados (área dez por cento menor que a da Bahia, por exemplo). Essa é a força da Literatura e da nação que preza a Cultura.

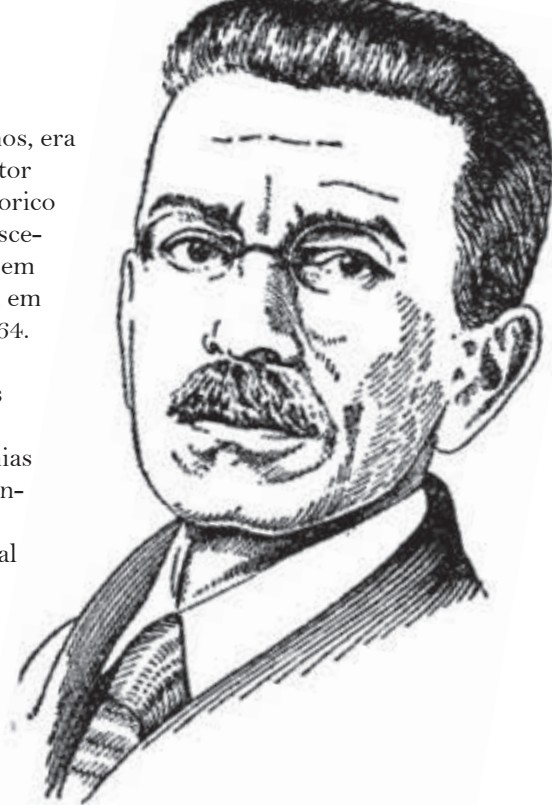
Cervantes e o 23 de Abril como Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor têm diversos pontos de contato com o Maranhão e autores maranhenses. Como antecipei, quando da oficialização da data pela UNESCO, em Paris, em 1995, foi registrado que o 23 de abril lembrava a morte de Cervantes e de Shakespeare em 1616, e, entre outros registros, marcava também o nascimento do romancista russo Vladimir Nabokov, em 1899, e o romancista francês Maurice Druon, em 1918. Nabokov é autor, entre outras, da obra “Lolita”, de 1955, clássico da literatura mundial, filmado e refilmado, onde um professor universitário vive sua obcecação pela menina Dolores, apelidada Lolita, de 12 anos.

E onde o Maranhão “arranha” nessa história?

O outro escritor nascido em 23 de abril de 1918, Maurice Druon, falecido em 14 de abril de 2009, nove dias antes de

completar 91 anos, era bisneto do escritor maranhense Odorico Mendes, que nasceu em São Luís, em 1799, e morreu em Londres, em 1864. Maurice Druon pertencia à mais referendada de todas as academias do mundo ocidental, a Academia Francesa, da qual era decano e secretário perpétuo. Druon foi também ministro da Cultura em seu país, a França, pela qual havia lutado, inclusive na Resistência, em terras francesas e em Londres, durante a Segunda Guerra Mundial. Das dezenas de livros que Druon escreveu, uma delas e sua única obra de ficção infanto-juvenil, chamada “O Menino do Dedo Verde”, de 1957, é uma das obras do gênero mais conhecida no mundo.

Druon esteve algumas vezes no Maranhão, terra de familiares e antepassados – a partir de Manuel Odorico Mendes, jornalista, político, tradutor, poeta e humanista, considerado o precursor da moderna tradução criativa, com suas traduções, pioneiras e integrais, das obras de Virgílio (em latim) e Homero (em grego) para o português. Odorico Mendes também traduziu obras do francês Voltaire. Em 1999, nos eventos de 200 anos de nascimento de Odorico Mendes, em São Luís, lá estava Maurice Druon, prestigiando a memória do talentoso bisavô.



COELHO NETTO

Portanto, há sangue e história maranhense – pela descendência de Odorico Mendes – nas homenagens que a UNESCO fez quando, ao instituir o Dia Mundial do Livro, lembrou grandes nomes que nasceram ou morreram em 23 de abril...

*

Relembrando o nome de Cervantes, autores maranhenses tinham-no em sua predileção, a ele dedicando estudos e até livros. É o caso, por exemplo, de Josué Montello (1917-2006). O notável romancista, ensaísta, jornalista, professor e teatrólogo são-luisense é autor de pelo menos duas obras sobre Cervantes: “Cervantes e o Moinho de Vento”, lançado em 1950 (Gráfica Tupy, Rio de Janeiro – RJ), e, três anos depois, “Viagem ao Mundo de Dom Quixote” (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE,



Aluísio de Azevedo

1953). Sobre o ensaio montelliano de 1950, o ótimo escritor, historiador e crítico literário paulista Brito Broca (1903-1961), em setembro de 1952, anotou, já ao final de sua alentada e excepcional introdução a uma edição de “Dom Quixote de La Mancha”: “[...] muito erudito e penetrante, no qual o autor procura ver no romance em questão uma sátira ao leitor crédulo”. E ainda: “Não será demais que patrícios nossos, como Josué Montello, venham a descobrir sentidos novos em tal livro”.

Brito Broca também registra, antecedentemente às anotações sobre o ensaio de Montello, que o maranhense, de Caxias, Coelho Netto, respondendo a João do Rio sobre “quais os autores que lhe haviam contribuído para

a formação literária”, teria colocado “Dom Quixote”, precedido de, primeiro, “As Mil e Uma Noites” e “toda a obra de Shakespeare”. Eis a íntegra do trecho:

“No inquérito realizado via ‘Gazeta de Notícias’, por volta de 1907, e reunido em volume, sob o título ‘O Momento Literário’, uma das perguntas dirigidas por João do Rio aos escritores era: quais os autores que lhe haviam contribuído para a formação literária. Coelho Netto coloca em primeiro lugar ‘As Mil e Uma Noites’; em segundo, toda a obra de Shakespeare; em terceiro o ‘Dom Quixote’. Mas a influência deste último decerto se filtrou de tal maneira na numerosa obra do romancista maranhense, a ponto de não nos permitir identificar qualquer

manifestação concreta ou precisa.”

O parágrafo acima é o texto com a leitura de Brito Broca do que escreveu ou transcreveu João do Rio após a entrevista deste com Coelho Netto, texto publicado no livro “O Momento Literário”, onde Broca reúne 36 autores – outros oito não responderam ao “inquérito” (a lista de perguntas), entre eles os maranhenses Graça Aranha, que alegou que se deve “escrever pouco”; Aluísio Azevedo, que estava abarrotado de trabalho (“diante de mim uma torre de papéis”, teria escrito) no consulado em Cardiff, no País de Gales (Reino Unido); e Artur Azevedo, que, segundo Broca, “não disse nada”.

Afora Coelho Netto, de maranhense entre os 36 escritores entrevistados em “O Momento Literário” só vejo Raimundo Correia, o último do livro, onde ocupou só três páginas. Também vejo Rodrigo Otávio, que casou com uma das filhas de Ricardo Leão Sabino, são-luisense e, residente em Caxias, professor de Gonçalves Dias, lá na Rua do Cisco, onde morei, região central da cidade “Princesa do Sertão Maranhense” minha terra natal.

Vejo também, entre os 36 autores do livro “O Momento Literário”, Medeiros e Albuquerque, pernambucano, que deu a ideia desse livro para João do Rio, que por sua vez lhe dedicou a obra. Medeiros de Albuquerque (1867-1934) foi da Academia Brasileira de Letras e era filho do maranhense, de Caxias, Joaquim José de Campos da Costa de Me-

deiros e Albuquerque, de quem herdou talento e o nome (com a inversão dos prenomes iniciais – José Joaquim).

A leitura direta do texto de João do Rio sobre Coelho Netto diz mais, e diferentemente, do que resumiu Brito Broca em sua magistral introdução a uma das edições brasileiras de “Dom Quixote”. Na transcrição de Brito Broca, Coelho Netto diz logo, com sua “rude franqueza meridional” (como anotou o autor paulista) que, para a formação literária dele, “não contribuíram autores, contribuíram pessoas”. Continua o caxiense: “Até hoje sofro a influência do primeiro período da minha vida no sertão. Foram as histórias, as lendas, os contos ouvidos em criança, histórias de negros cheias de pavores, lendas de caboclos palpitando encantamentos, contos de homens brancos, a fantasia do sol, o perfume das florestas, o sonho dos civilizados... Nunca mais essa mistura de ideais e de raças deixou de predominar, e até hoje se faz sentir no meu ecletismo. A minha fantasia é resultado da alma dos negros, dos caboclos e dos brancos. É do choque permanente entre esse fundo completo e a cultura literária que decorre toda a minha obra [...]”.

Só quando João do Rio insiste (“– Há, entretanto, uma parte da sua obra...”) é que Coelho Netto, nem deixando o jornalista carioca completar a frase, diz:

“– Sim, a parte fescenina. É aí, no ‘Fruto Proibido’, que começo a ter a responsabilidade do meu trabalho. O amor

pelas lendas, pelo fantástico ficou porém. O livro que mais me impressionou foi 'As Mil e Uma Noites'. Depois toda a obra de Shakespeare, o 'Dom Quixote', os poetas gregos, Plutarco, que releio constantemente..."

João do Rio procura saber dos autores modernos de predileção de Coelho Netto, que lista:

“ – Flaubert, o admirável Maupassant, Taine, que é a base da minha visão crítica, e os ingleses contemporâneos, com especialidade os dramaturgos.”

Coelho Netto menciona autores portugueses e outros mais. A parte que lhe coube em “O Momento Literário” de João do Rio tem sete páginas. Faço questão de antecipar, no parêntese abaixo, um pouco das informações que estarão em texto que preparo sobre o caxiense Aderson Ferro, escritor e odontólogo pioneiro no Brasil.

*

(Parênteses: Quando Coelho Netto, acima, menciona, até qualificando de “admirável”, o escritor francês Guy de Maupassant (1850-1893), lembrei-me de que tive acesso a uma ata de uma sociedade de geografia comercial da França onde se registrava que, em um dia dos anos 1870, o caxiense Aderson Ferro e o grande escritor francês Guy de Maupassant, amigo de Gustave Flaubert, estavam os dois, Aderson e Maupassant, tomando posse na dita sociedade. Aderson Ferro tinha saído de Caxias em setembro de 1877 para

estudar “Arte Dentária” (Odontologia) em Paris e lá tornara-se membro da Sociedade Nacional de Geografia da França, e nesta condição estava na reunião com Maupassant e como este sendo admitido em uma sociedade mais específica da área, neste caso, Geografia Comercial. Também sobre Aderson Ferro descobri que, sim, e distintamente do que se registra em textos – poucos – biográficos, ele voltou para o Maranhão após retornar da França, tendo montado consultório na Rua da Paz, em São Luís, como comprovam anúncios de sua atividade profissional publicados em jornais da capital maranhense naquela segunda metade do século 19 (anos 1880). Só depois, por motivos ainda insabidos, é que Aderson Ferro mudou-se para o Ceará, onde clinicou em Fortaleza e, depois, em diversas cidades do interior cearense, onde faleceu e permanece enterrado, em Baturité).

*

Portanto, tornando a Brito Broca: ele ampliou para “formação literária” o que o próprio Coelho Netto assumiu como livros que mais o “impressionaram”, além do que, de cara, o maranhense-caxiense ter dito que não “autores”, mas “pessoas” (negros, caboclos, brancos) é quem contribuíram para a formação do autor, desde logo “em criança” – “Até hoje sofro a influência do primeiro período da minha vida no sertão”. (Veja-se a obra “O Momento Literário”, de João do Rio – pseudônimo do jorna-

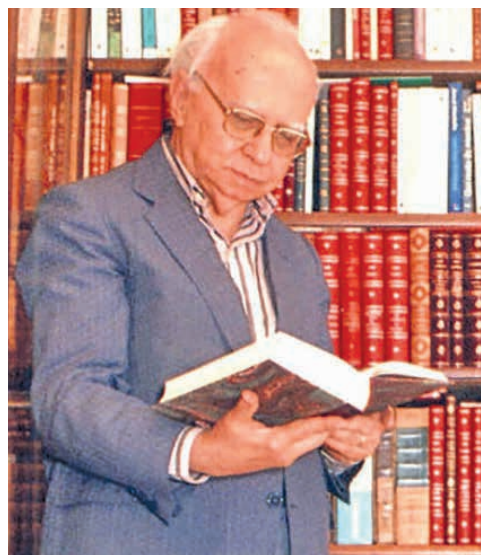
lista, cronista, tradutor e teatrólogo carioca João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto [1881-1921] –, publicada pela Criar Edições – Curitiba, 2006).

Tornando à obra de Cervantes. Além de Josué Montello e Coelho Netto, o maranhense-ludovicense Aluísio de Azevedo foi tocado pelo talento cervantino: na mesma introdução a “Dom Quixote”, Brito Broca consigna que, em busca de uma “revivescência indígena do herói de Cervantes”, uma espécie de Dom Quixote brasileiro – como à época já existiam Quixotes nas literaturas alemã, russa, francesa e italiana –, Aluísio de Azevedo “teve ideia semelhante, por volta de 1909, de fazer um Dom Quixote da fé, inspirado na figura de Antônio Conselheiro [...]”. A ideia aluisiana não se materializou...

*

A influência e/ou a presença de autores maranhenses nos diversos estratos da Literatura – universal, brasileira, regional – é matéria a ser consolidada e ampliada, tais e muitas são as menções, citações, dissertações, teses e outros trabalhos acadêmicos, além de livros, textos em jornais etc. produzidos por ou sobre nossos contemporâneos, Brasil adentro e mundo afora.

Um dia haverá uma decisão, farto apoio e a efetivação de um trabalho de pesquisa, coleta, documentação e disseminação de informações e trabalhos relacionados aos – ou de autoria de – talentosos maranhenses que contribuíram, e muito, para que nosso País se houvesse melhor, seja enquanto realidade para nós, seja como referência para outrem.



Josué Montello

EDMILSON SANCHES | edmilsonsanches@uol.com.br Administração - Comunicação - Desenvolvimento - História - Literatura. PALESTRAS, CURSOS, CONSULTORIA Ilustrações: Miguel de Cervantes, Coelho Netto, Josué Montello e Aluísio de Azevedo.



Patrimônio histórico do

Memorial e Mirante da Balaiada

No Morro do Alecrim um parque de entretenimento turístico de resgate à história e bravura do povo caxiense: dois momentos marcantes no cenário histórico nacional aconteceram, ali, as batalhas contra os portugueses pela adesão deles a Independência do Brasil e a Revolta da Balaiada; movimento ocorrido no Maranhão - 1838/1841 - causado pela instabilidade econômica e político-social.

Denominada como a “Princesa do Sertão Maranhense” e berço de ilustres poetas e intelectuais brasileiros, a cidade de Caxias - distante 354 km de São Luís e com uma população de 161.137 habitantes, sendo considerada a quinta maior cidade do estado - foi palco de uma das maiores batalhas do período do Brasil Colonial, a Balaiada - considerada a maior revolução maranhense, ocorrida no período de 1938 a 1941. A revolta teve como principais líderes, Manuel

Francisco dos Anjos Ferreira (O Balaio), Raimundo Gomes Vieira (O Cara Preta), Lívio Lopes Castelo Branco e Cosme Bento das Chagas (O Líder Negro).

Para conhecer melhor a história da revolta dos balaio (escravos, mestiços e brancos pobres), os moradores de Caxias e visitantes contam com um rico acervo que retrata, com detalhes, o período do conflito popular que ocorreu devido à instabilidade política e por problemas sociais e econômicos que afetaram diretamente a população pobre daquela época.

Trata-se do Memorial da Balaiada, que fica localizado no Morro do Alecrim e que foi inaugurado no dia 26 de junho de 2004, no então governo José Reinaldo Tavares. Nele, pode-se conhecer mais sobre o movimento, por exemplo, através de armas usadas na época e instrumentos usados para tortura.

O Memorial – maior museu de Caxias que abre de segunda a sexta-feira e que recebe em média 900 visitantes por mês - compõe-se de um Museu-Escola e um Centro de Documentação que tem como objetivo preservar, valorizar os acervos históricos, arqueológicos e documen-

tais de Caxias. Atende principalmente ao público estudantil, em diferentes níveis, para visitação e pesquisa sobre o tema Balaiada, e a comunidade em geral e turistas maranhenses, de outros estados, como: São Paulo, Pará, Rio de Janeiro, Pará, Roraima, entre outros e diversos países, como Itália

e Portugal. Conta oito funcionários, incluindo vigias, apoio, guia, dire o e a museóloga, Marília Colnazo.

O museu - que foi restaurado em maio de 2014 e que fica localizado no antigo Quartel de Polícia – local que abrigou as tropas do português José da Cunha Fidi  e de Duque de Caxias -



O seio turístico caxiense

possui uma exposição permanente, de perfil histórico, abrangendo a vida dos balaaios, os seus líderes e a cidade de Caxias na época do conflito. As ruínas ainda encontram-se no local.

Acervo - Conta com um acervo de 350 peças de artefatos arqueológicos e restos de armamentos, balas de chumbo, projéteis, botões e fivelas dos militares e dos homens e mulheres que fizeram a revolta, além de um acervo eclético de peças de mobiliário, prataria, telas, um painel em xilogravura da artista plástica Tita do Rêgo Silva e esculturas em argila dos principais líderes da Balaiada.

Escavações - O resultado das buscas arqueológicas feitas no ano 1997 por um grupo de estudantes universitários e historiadores, fez surgir o Memorial da Balaiada. Liderados pelo professor Deusdeth, em parceria com a UEMA, eles resolveram recontar a história do movimento; para isso, se instalaram no Morro do Alecrim, palco final da revolta, e trabalharam durante seis meses em buscas dos vestígios do conflito.

Durantes as escavações, além dos restos de armamentos, foram encontrados até fragmentos de ossos humanos, além de instrumentos de castigo dos escravos, como correntes, tesouras e gargalheiras usadas em castigos dos escravos.

Visitações - De acordo com a diretora do Museu Mercilene Barbosa Torres, durante o ano de 2015 foram desenvolvidas diversas atividades, com atendimento a estudantes e visitantes além de atividades técnicas, como por exemplo: orientação de estudantes do Curso de Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí- UFPI, Campus Parnaíba (PI) e orientação de estudantes do Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, com trabalhos sobre o Memorial da Balaiada.

No museu o visitante o público também encontra um auditório que é utilizado para fóruns, seminários e palestras, além de lançamentos de livros de autores locais e regionais. A Sala da biblioteca também foi consultada durante todo o ano de 2015, principalmente, sobre a história da cidade de Caxias e sobre a Balaiada. Já o auditório foi utilizado para atividades complementares de visitação de estudantes, para desenvolvimento das atividades diversas, como cursos, palestras e reuniões. Mercilene Torres afirmou que o museu recebeu em 2015 mais de 17 mil visitantes.

12 anos de existência - De acordo com Mercilene Torres, o memorial que vai fazer 12 anos de existência,

tem um público anual de mais de 17 mil visitantes entre brasileiros e estrangeiros que procuram o local para conhecer a história da Guerra da Balaiada e o acervo eclético composto de 356 peças, além de um Centro de Documentação utilizado por estudantes e sociedade em geral. Também ressaltou que todas as faixas etárias visitam o memorial.

“O memorial - além de guardar objetos dos séculos XIX e XX - tem documentações de grande importância para os estudantes e pesquisadores que desejam conhecer e ampliar o conhecimento sobre a respectiva guerra que marcou a história do Maranhão no período do Império e que é necessária ser conhecida não só por estudantes e pesquisadores, mas por toda comunidade em geral, que tem o objetivo de conhecer melhor o seu país”, ressaltou Mercilene Torres, afirmando que “aqui nós possibilitamos um olhar mais aprofundado ao visitante sobre a referida temática da história da Guerra da Balaiada”. Guerra da Balaiada Um dos fatos mais marcantes na história de Caxias foi a luta pela adesão à independência, quando as tropas comandadas pelo major Salvador Cardoso de Oliveira e por João da Costa Alecrim derrotaram as tropas comandadas pelo militar

português João da Cunha Fidiê. Naquela ocasião, Caxias era a vila mais importante da província do Maranhão.

A guerra da Balaiada – considerada a maior revolução maranhense, e que teve o seu ápice no Morro do Alecrim, antigo Morro das Tabocas e que envolveu cerca de 10 mil homens

- teve como principais líderes, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira (O Balaio), Raimundo Gomes Vieira (O Cara Preta) e Cosme Bento das Chagas (O Líder Negro). Foi um conflito popular que se estendeu pelos Vales do Itapecuru e Parnaíba, e que teve o município de Caxias como foco mais importan-

te das batalhas entre os balaios e as forças legalistas do Norte.

A guerra – que foi um dos maiores conflitos característicos do período de transição e mudanças ocorridas no fim do Brasil colônia - foi provocada pela insatisfação entre os inúmeros negros, mestiços

e classe média, especialmente a urbana, contra a política aristocrática e oligárquica das classes mais ricas de latifundiários, senhores de engenho e fazendeiros que se instalaram no país.

Líderes da Balaiada - Um pouco da história dos principais líderes da

Centro de cultura, um bem secular caxiense

Histórico

No passado, a antiga Companhia da União Têxtil Caxiense e, no presente, o Centro de Cultura Acadêmico José Sarney. São estas as fases cronológicas de um prédio

localizado à aresta direita da Praça Dias Carneiro - Pantheon Caxiense -. Na realidade, uma construção fabril de origem inglesa com fachada em estilo neoclássico, planta qua-

drangular, com armação em estrutura metálica e estreita área livre, onde se localiza uma imponente chaminé.

A Companhia da União Têxtil Caxiense, foi funda-

da em 1889 pelos sócios Antônio Joaquim Ferreira Guimarães, Dr. Francisco Dias Carneiro e Manoel Correia Baima de Lago, sob a denominação de “Companhia Manufatora



Balaiada. Manuel Francisco dos Anjos Ferreira (O Balaio), era branco, alto, filho de pobres agricultores, participou do exército dos independentes. Depois que este foi dissolvido, voltou a vida de roceiro e fabricante de balaios; vivia com a sua família à margem do Rio Mearim por

onde passava a estrada que liga a Vila de Itapecuru Mirim a Chapadinha.

Raimundo Gomes da Silva (O Cara Preta) era chefe do grupo de vaqueiros que a 13 de dezembro de 1938 tomou de assalto a cadeia da Vila da Manga; era capataz do fazendeiro Inácio Mendes de Moraes e

Silva, vigário de Freguesia do Arari, no Baixo Mearim.

Já Cosme Bento das Chagas (O Líder Negro), era natural da Vila de Sobral, Província do Ceará. Intitulava-se o ‘defensor da liberdade’ e reuniu mais de 3 mil escravos para participarem da luta que chamava de ‘guerra

da lei da liberdade republicana’.

O Sítio Histórico do Morro do Alecrim – memorial da Balaiada e Mirante da Balaiada - é um bem tombado por um Decreto do Governo Municipal, datado de 2018, através do da Coordenação Municipal de Patrimônio Histórico.

Gonçalves Dias S. A.” Com um capital inicial de 850 contos, esta empresa foi uma potência no gênero da produção de tecidos, em sua época. Seu motor de 400 cavalos movimentava 220 teares, pondo 350 pessoas em atividade. Sua produção anual era de um milhão de metros de tecidos crus, em grande parte exportada para os países europeus. Falar desta extinta Companhia, que fora assentada numa região na qual a cultura algodoeira era abundante, é voltar ao período áureo de desenvolvimento da indústria têxtil no Maranhão, cujo parque fabril compunha-se de 17 empresas, contando com 2.336 teares, 71.608 fusos, e que atingia uma produção anual de 13.974.411 metros de tecidos crus e uma capacidade de empregar 3.557 operários.

A atividade têxtil teve seu apogeu na época da II Guerra Mundial, quando os Estados Unidos, também, passaram a importar produtos brasileiros. Com o fim da guerra, muitas empresas entraram em decadência motivada pela

volta do livre comércio e, sobretudo, pelo rápido desenvolvimento industrial que os empresários maranhenses do gênero não conseguiram acompanhar.

Assim, das 17 empresas, que integravam o parque fabril maranhense, apenas 8 conseguiram resistir até a década de 60. A Companhia da União Têxtil Caxiense

foi extinta em 1954 e, ao longo de um tempo, precisamente, até 1985, o prédio sofreu um forte processo de abandono. Porém, em 1986, com uma ajuda substancial, através de verba federal, o Governo Municipal, naquela época, restaurou o velho prédio alvirrubro e transformou-o em um Centro Cultural com

denominação de Centro de Cultura. Atualmente, o prédio abriga inúmeros secretarias e órgãos da administração pública municipal, dentre os quais: as secretarias municipais de Educação, Cultura, Indústria e Comércio, Trabalho, além da Coordenação Municipal de Patrimônio Histórico.



WYBSON José Pereira Carvalho é de Caxias, nascido em 30 de junho de 1958, funcionário público municipal nas áreas da imprensa e cultura em sua terra natal. É casado com a funcionária pública e aposentada, Felina Dolores Vidigal Carvalho, é pai de três filhas: Rita de Kássia, Ana Karla e Juliana Karem, e avô de dois netos: Keyly Neto e José Benício, e uma neta: Ana Laura. Comunicólogo com habilitação em Relações Públicas, pela Universidade de Pernambuco e é jornalista colaborador em diversos periódicos regionais. Wybson Carvalho, é poeta com vários livros publicados, dentre os quais: Neófitos da Terra, Eu Algum, Iguaria Real, Eu Algum na Iguaria Real, Inferno Existencial, Ambiência da Alma, Personagem, Poesia Reunida (Coletânea – poemas – 4 edições), Necrópolis, Oceanos não Pacíficos e Nauroemcidade. O poeta está inserido, nacionalmente, em várias antologias literárias, dentre as quais: a obra Antológica Brasil 500 Anos de Poesia. É membro fundador da Academia Caxiense de Letras, na qual tem assento à Cadeira, número 30, patroneada pelo poeta caxiense João Vicente Leitão.



Biblioteca Alberto Lago Castelo Branco

S em fins lucrativos, fundada em 13 de dezembro de 2006, nasceu do desejo que nutre seu idealizador poeta e escritor Herbert Lago Castelo Branco, de contribuir para o de-

envolvimento social e cultural dos habitantes da cidade de Chapadinha, especialmente às crianças e jovens – com foco na formação de leitores, estímulo aos estudos e promoção da cidadania e o hábito da

leitura como forma de lazer. A cidade de Chapadinha tem 80 mil habitantes e fica na região nordeste do Maranhão, há 240 km de distância da capital maranhense São Luís.

Com um rico acervo

a Biblioteca Alternativa contém mais de 10.000 mil exemplares já cadastrado no sistema biblivre para todas as idades. São livros de diversos temas, desde História, Geografia, Português, Matemáti-





ca, Ciências, Biologia, Química, Física, Direito, Informática, Medicina, Saúde, Enfermagem, Recursos Humanos, Autoajuda, Artes, Religião, Literatura, Filosofia, Misticismo, Antropologia, Pedagogia, Sociologia, Geologia, Engenharia, Meio Ambiente, Agricultura, Agronomia, Zootecnia, Ciências Sociais, Psicologia, Inglês, Francês, Espanhol, Esportes, Política, Economia, Contabilidade, Espiritismo, Gibis,

Teatro, Comunicação e Marketing, Maranhensidade, Enciclopédias, Revistas, Apostilas para concursos e etc. Indispensável para aqueles que buscam a biblioteca para pesquisas acadêmicas, teses de mestrado, monografias de conclusão de curso superior e trabalhos escolares. Acervo este, doando por voluntários de todas as idades, sexos, profissões e níveis de escolaridades, que contribuem para o desenvolvimento

sociocultural de jovens e adultos da cidade de Chapadinha e região do Baixo Parnaíba.

Além da realização de empréstimos de livros a Biblioteca Alternativa realiza diversas atividades culturais como: saras poéticos, roda de leitura, café filosófico, palestras e encenação de artes cênicas.

Os interessados em conhecer ou enviar livros a Biblioteca Alternativa fica na Rua do

Comércio 1161 Centro - Chapadinha-MA, CEP: 65500-000, ou na página do facebook <https://www.facebook.com/bibliotecaalternativaherbertlagocastelobranco> <https://biblioteca.link/BibliVre5/herbertlago/> e no sistema biblivre você pode fazer pesquisa de livros já cadastrados. Basta clicar em pesquisa = bibliográfica = colocar o nome do autor o do livro pesquisado e clicar em Listar Todos.



Vozes Poéticas

Elany Morais | Professora/Escritora

HAVIA UMA RAZÃO

Nos conhecemos no acaso acaso abril.
No primeiro instante refiz o meu monólogo.
No segundo dia ouvi o seu nome repetidas vezes.
Havia uma razão!
De repente a necessidade estava viva e juntos
descobrimos uma rede posta num canto.
Uma rede cor de palha a espera de encantos.
Nos despimos pra vida!
Quebramos princípios, facas e amigos.
Montamos nossa tese no sétimo teto da lua.
Surgiram as raízes, diferenças e feridas.
Você com a paciência de um monge e eu com
a fúria de um gladiador.
Choramos emoções sem lágrimas e fizemos
amor como um viajante bailarino.
Recomeçar era o tema, cena, verdade ardida depois
de tanta coca-cola com chanclich. Reconhecemos
nosso lado sacerdotal, sobrevivendo diante
do puro veneno da vida.
Você, meu poodle régio de loucuras e eu sua
flor poesia em prosa e rima.

*Psicóloga e escritora Néa Tauil
@psicologaneatauil
Poema do livro Pérola Viva*

.. MORTO VIVO

... ao amanhecer, nasce o sol
ao anoitecer, nasce a lua
e, ambos, renascem
ao dia e à noite
no céu iluminado
e eu, aqui, na tarra
morro apagado
dia a dia, noite a noite
e nunca renascerei...!

Wybson Carvalho

AVIVANDO O SILÊNCIO

Nada resta agora
dos renitentes.
Os dissidentes,
afetados pela ferrugem,
tentam modelar o pânico,
diante de uma vitrine de miudezas.
Sobre a mesa,
avolumam-se os acordos,
desdobram-se as metáforas
do descampado vício,
novamente em pleno exercício.
Usa-se a palavra,
como se a vida
não tivesse fim,
e assim, tudo está
por viver.

Quincas Vilaneto

CÓDIGO SEM ACESSO

*Se te perguntarem sobre aquela velha história
marítima, não conte! Não conte! Quem vai saber que
meu barco és tu e que teu mar sou eu?
Não conte! Não conte do bem que me fizeste
quando bebeste dentro mim.
Se te perguntarem qual é o reino do meu segredo, não
conte! Não conte que em meu silêncio, tu
andavas nua, vivendo em pleno vento,
sem pudor e sem tormento.
Não conte nem com teus olhos que meus beijos nunca
tardaram nem morreram antes de chegar à tua boca.
Se te perguntarem sobre meu mistério, minhas dores,
minha prosa e minhas alegrias, não conte que do
nosso amor nasce minha poesia.*

Elany Morais